



DELIBERAÇÕES

Conselho Presbiteral	2
Celebração do Corpo de Deus	2
Órgãos da Fundação Signis	2
Centro Pastoral Diocesano - Orientações Fundamentais	2
Mudanças no serviço eclesial, em junho de 2016	3
Colégio de Consultores	4
Instituição do Diaconado Permanente na Diocese de Leiria-Fátima	4
Decreto sobre a causa contenciosa entre o Colégio de São Miguel e o Padre Joaquim Rodrigues Ventura	8
Mudanças no serviço eclesial, em setembro de 2016	9
Vigários da Vara	9
Redução a usos profanos da Igreja de São Pedro	9
Nomeações em 2016	10

DOCUMENTOS PASTORAIS

<i>Mensagem para a Quaresma</i>	
Caminhos de Misericórdia	10
<i>Nota Pastoral</i>	
Visita da Imagem Peregrina	11
<i>Mensagem de Natal</i>	
Natal com as cores da Misericórdia	12

TEXTOS DIVERSOS

<i>Homilia do Dia do Consagrado</i>	
Acendei no mundo o fogo da Misericórdia	13
<i>Homilia da Peregrinação Diocesana</i>	
A coragem da misericórdia	14
<i>Discurso</i>	
Bênção do Órgão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário	15
<i>Homilia da Missa Crismal</i>	
Como é belo ser ministro da Misericórdia e do Perdão de Deus	16
<i>Esclarecimento</i>	
Fundação "Arca da Aliança"	17
<i>Homilia da ordenação sacerdotal</i>	
Pastores com o perfume do amor e o bálsamo da misericórdia de Cristo	18

<i>Oração à Virgem Maria</i>	
Bem-Vinda, Virgem Peregrina de Fátima	19
<i>Mensagem</i>	
Visita da imagem peregrina ao Estabelecimento Prisional de Leiria	20
<i>Homilia da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo</i>	
Vamos ceiar com Jesus	20
<i>Homilia da reinauguração da igreja da Golpilheira, paróquia da Batalha</i>	
Dedicação da Igreja de Nossa Senhora de Fátima	21
<i>Mensagem de abertura</i>	
Congresso Mariológico Mariano Internacional	22
<i>Mensagem</i>	
Caminhada Solidária Sobre Rodas	23
<i>Sessão solene evocativa</i>	
Centenário do nascimento de D. Alberto Cosme do Amaral	23
<i>Homilia no centenário do nascimento de D. Alberto Cosme do Amaral</i>	
Festa de Nossa Senhora do Rosário	25
<i>Saudação</i>	
Igreja Evangélica Baptista de Leiria na celebração do centenário	25
<i>Homilia de encerramento do Ano da Misericórdia e Ordenação Diaconal</i>	
A Misericórdia, Profecia de um Mundo Novo	26
<i>Homilia de início do Ano Jubilar do Centenário das Aparições de Fátima</i>	
Hora de júbilo na abertura do Ano Jubilar	27
<i>Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição</i>	
Festa de Deus, de Maria e de todos nós	28
<i>Comunicado</i>	
Peregrinação do Papa Francisco a Fátima	29
<i>Declaração sobre iniciativas comerciais</i>	
Missas, promessas e artigos religiosos em Fátima	29
<i>Homilia de Natal</i>	
A beleza da graça do Natal	30
<i>Homilia de final de Ano</i>	
Este é o tempo da misericórdia: refazer um mundo que se está a desfazer	31

VÁRIA

Clero e vida consagrada em 2015	32
---------------------------------	----

DELIBERAÇÕES

Conselho Presbiteral

Ref.º: CE2016A-002

António Augusto dos Santos Marto, Bispo da Diocese de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

O **Conselho Presbiteral**, órgão de co-responsabilidade representativo de todo o presbitério diocesano, desempenha um papel importante no auxílio ao Bispo diocesano na promoção do bem pastoral do povo de Deus que lhe foi confiado (cf. can. 495, § 1).

Tendo terminado o mandato dos membros que constituíam este órgão de corresponsabilidade, nos termos do can. 501 § 1, nomeio o novo Conselho Presbiteral, constituído, de acordo com o Artº 4º dos Estatutos, pelos seguintes presbíteros:

Membros natos:

- P. Dr. Jorge Manuel Faria Guarda (§1, 1 e 6)
- P. Dr. Fernando Clemente Varela (§1, 2)
- P. Dr. José Augusto Pereira Rodrigues (§1, 3)
- P. Doutor Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas (§1, 4)
- P. Dr. Nuno Miguel Heleno Gil (§1, 5)

Membros eleitos:

- P. Dr. José Henrique Domingues Pedrosa (Vigaria Batalha) (§2, 1)
- P. Dr. João Pereira Feliciano (Vigaria Colmeias) (§2, 1)
- P. Mário de Almeida Verdasca (Vigaria Fátima) (§2, 1)
- P. Dr. André Antunes Batista (Vigaria Leiria) (§2, 1)
- P. Dr. Patrício Alexandre Lopes Oliveira (Vigaria Marinha Grande) (§2, 1)
- P. Jacinto Pereira Gonçalves (Vigaria Milagres) (§2, 1)
- P. Dr. David Nogueira Ferreira (Vigaria Monte Real) (§2, 1)
- P. Dr. David Rodrigues Barreirinhas (Vigaria Ourém) (§2, 1)
- P. Dr. Leonel Vieira Baptista (Vigaria Porto de Mós) (§2, 1)
- P. Dr. Sérgio Feliciano de Sousa Henriques (§2, 2)
- P. Dr. Pedro Miguel Ferreira Viva (§2, 3)
- P. Dr. Manuel dos Santos José (§2, 4)
- P. Dr. Jovanete Paulo Vieira (§2, 5)
- P. Dr. Joaquim Marques Costa (§2, 5)

Leiria, 3 de fevereiro de 2016.

† António Augusto dos Santos Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Celebração do Corpo de Deus

Ref.º: CE2016E-001

O Nuncio Apostólico em Portugal, Dom Rino Passigato, comunicou aos bispos portugueses o seguinte:

“Na sequência da decisão da Assembleia da República e da troca de notas desta Nunciatura Apostólica com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, tenho o prazer de comunicar que, ao abrigo do Artº. 30º da Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa de 18 de maio de 2004, as solenidades do Corpo de Deus e de Todos os Santos são

novamente reconhecidas pelo Estado Português como dias festivos católicos com caráter de feriados nacionais”.

Tendo em conta esta informação, comunico que, na diocese de Leiria-Fátima, as tradicionais missa e procissão com o Santíssimo Sacramento, na cidade de Leiria, no dia de Corpo de Deus, sob a presidência do bispo diocesano, celebram-se por isso, este ano, na quinta-feira, 26 de maio, no próprio dia da solenidade.

Leiria, 25 de fevereiro de 2016.

Padre Jorge Manuel Faria Guarda,
Vigário Geral

Órgãos da Fundação Signis

Ref.º: CE2016A-004

António Augusto dos Santos Marto, Bispo da Diocese de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

Tendo terminado o triénio administrativo dos Órgãos de Governo da Fundação Signis, de acordo com seus os Estatutos (artigo 6º§ 1 e § 2) havemos por bem nomear os seguintes elementos:

- Diretor: P. Doutor Vítor Manuel Leitão Coutinho
- Ecónomo: P. Cristiano João Rodrigues Saraiva
- 1.º Conselheiro: José Manuel da Cunha
- 2.º Conselheiro: Júlio Delgado Rebelo

Estes cargos devem ser exercidos de acordo com os Estatutos, respeitando as normas diocesanas e as orientações do Bispo diocesano.

Esta nomeação é válida pelo período de três anos.

O presente Decreto entra imediatamente em vigor.

Leiria, 21 de abril de 2016.

† António Augusto dos Santos Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Centro Pastoral Diocesano - Orientações Fundamentais

Em cumprimento do estabelecido pelo decreto episcopal de instituição do Centro Pastoral Diocesano, com data de 4 de outubro de 2015, as presentes orientações visam estabelecer “as condições de funcionamento, a partilha de responsabilidades entre o Seminário e a administração diocesana e a corresponsabilidade dos Serviços e Movimentos que nele têm sede e atividades”.

1. DEFINIÇÃO

O Centro Pastoral Diocesano (chamado, a partir de agora por CEPADI) designa o conjunto de espaços do Seminário onde os serviços da cúria da Diocese de Leiria-Fátima, os movimentos eclesiais, as associações de fiéis e os outros organismos aprovados ou reconhecidos pelo bispo diocesano têm a sua sede e/ou realizam atividades. Nestas Orientações Fundamentais são designadas simplesmente por organismos.

2. FINALIDADE

O CEPADI tem como finalidade proporcionar as condições adequadas e os meios necessários para a dinamização da atividade pastoral, a formação na fé cristã e no apostolado, promovidas pelos organismos mencionados no n.º 1.

3. DIRETOR DO CEPADI

O diretor do CEPADI é o reitor do Seminário Diocesano, salvo decisão episcopal contrária.

4. CONSELHO DE COORDENAÇÃO

O Conselho de Coordenação é um órgão interno cuja finalidade é estabelecer as orientações gerais do CEPADI e deliberar sobre as questões consideradas extraordinárias.

4.1. É presidido pelo diretor e constituído ainda pelo vigário geral, pelo ecónomo diocesano e pelo ecónomo do Seminário.

4.2. Reúne ordinariamente duas vezes por ano e extraordinariamente sempre que o diretor o convocar.

5. GESTÃO ORDINÁRIA

A gestão ordinária do CEPADI é da competência do diretor que desenvolve as suas funções de acordo com as orientações do bispo diocesano e em harmonia com as deliberações do Conselho de Coordenação.

6. COMPETÊNCIAS

6.1. Ao Seminário Diocesano compete:

6.1.1. Disponibilizar os espaços adequados para os diferentes organismos e atividades, coordenando a sua utilização de modo a poder servir a todos sem prejuízo de nenhum nem das outras valências do edifício;

6.1.2. Dotar os espaços de mobiliário adequado à sua função, rede elétrica, telefone e internet;

6.1.3. Garantir os serviços comuns ao bom funcionamento e utilização dos espaços: portaria, limpeza, cozinha e bar.

6.2. Aos organismos compete:

6.2.1. Utilizar os espaços que lhes são atribuídos de modo adequado, cuidar da sua boa preservação e informar de eventuais anomalias;

6.2.2. Responsabilizar-se pelo material necessário ao seu funcionamento: equipamento informático, materiais de escritório e arquivo, etc.;

6.2.3. Requerer a marcação das atividades que necessitem de espaços para além dos que lhes estão atribuídos, de acordo com o indicado no Regulamento Interno;

6.2.4. Participar nas despesas, segundo os critérios definidos no ponto 9.

6.3. O mobiliário atualmente pertencente aos organismos com personalidade jurídica própria, incluindo movimento e associações de fiéis, continua sob a sua responsabilidade, devendo apresentar um inventário atualizado do mesmo ao diretor do CEPADI. Novas aquisições deverão fazer-se em acordo com o mesmo.

6.4. O mobiliário atualmente pertencente aos serviços da cúria passa a ser propriedade do Seminário Diocesano.

7. ATRIBUIÇÃO DE ESPAÇOS

7.1. Será atribuído a cada departamento diocesano um espaço próprio, para sede e arquivo.

7.2. Será atribuído aos movimentos e outras associações de fiéis, como descritos no ponto 1, de acordo com o pedido dos mesmos e a disponibilidade existente, um espaço para sede e arquivo.

8. RECURSOS HUMANOS

8.1. A administração diocesana representa a Diocese em tudo o que se relaciona com os vínculos laborais dos funcionários que exercem as suas funções no CEPADI.

8.2. Os funcionários que trabalham exclusivamente para um departamento ou serviço diocesano são coordenados pelo respetivo diretor.

8.3. Os funcionários que trabalham para vários departamentos ou serviços diocesanos são coordenados pelo diretor do CEPADI, em articulação com os respetivos diretores.

9. COMPARTICIPAÇÃO NAS DESPESAS

9.1. O Seminário Diocesano apurará o valor mensal das despesas afetas ao CEPADI, tendo em conta os seguintes itens comuns a toda a casa: luz, água, portaria, telefone, internet, serviços de limpeza e funcionários.

9.2. A administração diocesana contribui com um valor mensal, a definir pelo bispo diocesano, relativo ao uso dos espaços do CEPADI pelos serviços da cúria diocesana.

9.3. Todos os organismos que não pertençam à cúria serão anualmente convidados a entregar ao Seminário Diocesano uma oferta pelo uso regular dos espaços do CEPADI.

9.4. Os serviços de refeições e dormidas serão pagos pelos organismos que os requisitem, de acordo com a tabela estabelecida pelo Seminário Diocesano.

9.5. A utilização do CEPADI para reuniões e atividades extraordinárias ou por entidades externas será sujeita ao pagamento de um contributo, segundo os critérios e a tabela definida pelo Conselho de Coordenação.

10. REGULAMENTO INTERNO

Estas Orientações Fundamentais serão concretizadas através de um Regulamento Interno elaborado pelo Conselho de Coordenação.

11. DÚVIDAS E OMISSÕES

As dúvidas e omissões relativas a estas Orientações são esclarecidas pelo Conselho de Coordenação.

Mudanças no serviço eclesial, em junho de 2016

Ref.º: CE2016E-002

O Bispo de Leiria-Fátima, Senhor D. António Marto, torna públicas as seguintes mudanças no serviço eclesial:

Para constituir o **Colégio de Consultores**, são nomeados: P. Doutor Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas, P. Dr. Jorge Manuel Faria Guarda, P. Dr. José Augusto Pereira Rodrigues, P. Dr. José Henrique Domingues Pedrosa, P. Dr. Nuno Miguel Heleno Gil e P. Dr. Pedro Miguel Ferreira Viva.

O **P. Augusto Gomes Gonçalves** é nomeado *Pároco da Barreira e Pároco das Cortes*. Deixa o serviço paroquial nos Marrazes.

O **P. Davide Vieira Gonçalves** é nomeado *Pároco da Bajouca e Pároco de Carnide*. Deixa o serviço paroquial dos Pousos.

O **P. José Lopes Baptista** é nomeado *Pároco de Monte Real*. Acumula com o serviço paroquial do Souto da Carpalhosa e deixa as funções de Administrador Paroquial da Bajouca e de Carnide.

O **P. Luís Manuel Morouço Almeida Ferreira** é nomeado *Pároco dos Pousos*. Acumula com o serviço das capelanias militares.

O **P. Dr. Marco Paulo da Silva Brites** é nomeado *Pároco da Maceira*. Deixa o serviço paroquial nos Marrazes.

O **P. Dr. Nuno Miguel Heleno Gil** é nomeado *Pároco de Santa Eufêmia*. Acumula com as funções de Chanceler e com o serviço paroquial da Boa Vista.

O **P. Dr. Rui Acácio Amado Ribeiro** é nomeado *Pároco dos Marrazes*. Deixa o serviço paroquial da Barreira e das Cortes.

O **P. Carlo Dalla Valle**, da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, é nomeado, com a anuência do seu Superior, *Capelão Auxiliar do Santuário de Fátima*.

O **P. Dr. Norbert Abeler**, da Diocese de Paderborn (Alemanha), é nomeado, por indicação da Conferência Episcopal Alemã, *Capelão Auxiliar do Santuário de Fátima*.

O **P. Dr. Tiago Alexandre de Jesus Silva** é nomeado *Vigário Paroquial dos Marrazes*. Deixa o serviço paroquial na Maceira.

O **P. Dr. Marcelo Cavalcante de Moraes** é dispensado dos serviços na Diocese e é enviado para fazer estudos de especialização em teologia bíblica.

O **P. Dr. David Nogueira Ferreira** é enviado para prestar serviço missionário na Diocese do Sumbe, em Angola. É dispensado de todos os serviços que desempenha na Diocese.

O **P. Vítor José Mira de Jesus** deixa o serviço missionário na Diocese do Sumbe, em Angola, e fica a colaborar no serviço pastoral do Santuário de Fátima.

O **P. Artur Ribeiro de Oliveira** é disponibilizado para colaborar com os párocos da Vigararia de Ourém.

O **P. Bernardo Pereira Morganiça** é dispensado, a seu pedido, do serviço paroquial de Santa Eufêmia. Passa a colaborar no serviço paroquial de Monte Real e continua a colaborar na Câmara Eclesiástica.

O **P. Manuel Pedrosa Melquiades** deixa as funções de Vigário Paroquial da Bajouca e de Carnide e passa colaborar com os párocos da Vigararia de Monte Real.

Leiria, 20 de junho de 2016.

Vítor Coutinho,

Chefe de Gabinete do Bispo Diocesano

Colégio de Consultores

Ref.º: CE2016A-019

António Augusto dos Santos Marto, Bispo da Diocese de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

Tendo terminado o mandato dos membros do **Colégio de Consultores**, havemos por bem nomear, de acordo com o cân. 502 do Código de Direito Canónico, os seguintes membros do Conselho Presbiteral para o integrarem:

P. Doutor Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas

P. Dr. Jorge Manuel Faria Guarda

P. Dr. José Augusto Pereira Rodrigues

P. Dr. José Henrique Domingues Pedrosa

P. Dr. Nuno Miguel Heleno Gil

P. Dr. Pedro Miguel Ferreira Viva

O mandato deste Colégio de Consultores tem início na presente data e é válido para um período de cinco anos.

Leiria, 29 de junho de 2016, Solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.

† *António Augusto dos Santos Marto,*

Bispo de Leiria-Fátima

Instituição do Diaconado Permanente na Diocese de Leiria-Fátima

Ref.º: CE2016A-021

D. António Augusto dos Santos Marto, Bispo de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

O II Concílio do Vaticano restaurou o diaconado “como grau próprio e permanente” da hierarquia sagrada da Igreja, confiando às conferências episcopais a decisão sobre a oportunidade de instituir este ministério “para a cura das almas” (LG 29). A Conferência Episcopal Portuguesa tomou tal decisão já em 1979.

Considerando o significado teológico do diaconado como identificação e participação do múnus de Cristo servo e o benefício pastoral de tal ministério na Igreja em comunhão e colaboração com o bispo e o presbitério;

Considerando que o Sínodo Diocesano de 1995-2002 observou que a falta do diaconado permanente tornava “a nossa Igreja mais pobre, já que este ministério, com o carisma e a forma de serviço que lhe são próprios, viria enriquecer o ministério ordenado e traria novas possibilidades à dinamização pastoral” e apontou a necessidade de se refletir seriamente “para se tomar consciência do lugar deste ministério na Igreja e discernir e decidir sobre a oportunidade do seu estabelecimento na Diocese” (cf. *Orientações sinodais*, n. 57);

Considerando que, em múltiplas ações de formação, reuniões e assembleias do clero e dos leigos, se foi debatendo e esclarecendo o significado teológico e o valor pastoral do diaconado permanente, tendo crescido a aceitação e o apreço por este ministério;

Considerando que, na consulta aos conselhos presbiteral, pastoral, de vigários e de coordenação pastoral, o parecer foi em todos eles consensualmente favorável;

Tendo em conta:

– as cartas apostólicas de Paulo VI, *Sacrum Diaconatus Ordinem*, de 18 de junho de 1967, e *Ad pasendum*, de 15 de agosto de 1972;

– a *Declaração conjunta* das Congregações para a Educação Católica e para o Clero, de 22 de fevereiro de 1998, que apresentam as *Normas fundamentais para a formação dos Diáconos Permanentes* e o *Directório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes*;

– as cartas da Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, de 27 de novembro de 1979, que concedem a faculdade de instituir o diaconado permanente nas dioceses portuguesas e aprovam as normas propostas pela Conferência Episcopal Portuguesa para o exercício deste ministério;

Tendo ouvido múltiplos pareceres e ponderado seriamente este assunto, chegámos à convicção de que, passados 50 anos do II Concílio do Vaticano, se deve estabelecer o diaconado permanente na Diocese de Leiria-Fátima, para que este ministério seja expressão e novo fator de dinamização da nossa Igreja diocesana.

Com o presente Decreto, segundo a norma n. 3 da Carta Apostólica *Sacrum Diaconatus Ordinem*, havemos por bem:

1. estabelecer na diocese de Leiria-Fátima o Diaconado Permanente;

2. aprovar, *ad experimentum* por seis anos, as *Normas para o Diaconado Permanente*, cujo texto faz parte integrante deste decreto, reservando a possibilidade de introduzir necessárias alterações, antes do prazo terminar;

3. confirmar a nomeação do padre Pedro Miguel Ferreira Viva como diretor do diaconado permanente, que terá a colaboração do Serviço de Apoio ao Clero, do qual é membro;

4. determinar que o processo para a identificação e escolha dos candidatos tenha início desde já; o itinerário de formação começará assim que se tiver constituído o primeiro grupo de candidatos;

5. apelar à oração de toda a Diocese para esta iniciativa, ao aprofundamento da teologia deste ministério ordenado e à promoção de uma oportuna catequese aos fiéis sobre a vocação dos diáconos. Os serviços diocesanos, as vigararias, as paróquias e outras instâncias eclesiais empenhem-se zelosamente em dar a conhecer e fazer apreciar o sagrado ministério do diaconado.

Leiria, 13 de julho de 2016, Solenidade da Dedicção da Catedral.

† António Augusto dos Santos Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Normas para o Diaconado Permanente

1. CARISMA FRUTUOSO NA IGREJA

O ministério do diaconado permanente, depois de restaurado pelo II Concílio do Vaticano, cresceu e frutificou como árvore frondosa na Igreja. Com o carisma e a graça sacramental específicas, servindo “o Povo de Deus em união com o Bispo e o seu presbitério, no ministério da Liturgia, da Palavra e da Caridade” (LG 29; CD 15), os diáconos permanentes contribuem para o enriquecimento e a dinamização pastoral das comunidades e instituições eclesiais. Há por isso muito a esperar da instituição e promoção deste ministério ordenado na Diocese de Leiria-Fátima. Ele insere-se numa visão da Igreja como comunhão e colaboração de carismas e ministérios, em ordem à realização da comum missão eclesial de testemunho e anúncio da “alegria do Evangelho” a todos os homens e mulheres.

2. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO DIACONADO

A existência e o serviço dos diáconos na Igreja é documentado desde os tempos apostólicos (Act 6, 1-6; Fl 1,1; 1 Tm 3,8-13) e há fiéis que se santificaram no desempenho deste ministério, de que são exemplo, entre outros, S. Lourenço, S. Vicente e S. Efrém. A instituição diaconal manteve-se na Igreja ocidental até ao século V, altura em que entrou em declínio, acabando por permanecer somente como etapa intermédia para os candidatos à ordenação sacerdotal (NF 2).

O II Concílio do Vaticano, de acordo com a antiga Tradição da Igreja, restaurou o diaconado como grau permanente do ministério ordenado (cf. LG 29). Foram particularmente três as razões que presidiram a esta opção: o desejo de enriquecer a Igreja com as funções do ministério diaconal, a intenção de conceder a graça da Ordenação diaconal àqueles que, de facto, já exerciam funções diaconais e a preocupação em prover de ministros sagrados as re-

giões que sofriam de escassez de clero (NF 2).

Desde então, tanto a Santa Sé como numerosas dioceses em todo o mundo elaboraram normas para o discernimento da vocação, a formação e o exercício do ministério diaconal, que constituem já um enorme património documental.

Em Portugal, a pedido da Conferência Episcopal, o diaconado permanente foi restaurado em 1979 pelo Papa S. João Paulo II, tendo sido já estabelecido em quase todas as dioceses.

3. UMA VOCAÇÃO

O diaconado na Igreja deve ser compreendido como uma vocação, ou seja, um dom e um apelo de Deus para o serviço do seu povo. Além do discernimento pessoal daquele que é chamado, cabe à Igreja, particularmente através do bispo diocesano e seus colaboradores, o reconhecimento da autenticidade da vocação diaconal e a sua formação, com a livre adesão e o empenho do próprio candidato. É preciso também a atenção, o cuidado e a mediação pastoral das próprias comunidades para a identificação dos chamados e a ajuda oportuna para cada um acolher a sua vocação e lhe corresponder livre, positiva e generosamente.

4. O MINISTÉRIO DO DIÁCONO

a) O II Concílio do Vaticano sintetizou o ministério do diácono em três dimensões: “diaconia da Liturgia, da Palavra e da Caridade” (LG 29). O diácono é ordenado em vista do ministério e não do sacerdócio, tornando-se membro da hierarquia sagrada ao receber o primeiro grau do sacramento da Ordem, vivendo em obediência ao bispo e em comunhão e colaboração com ele e com os presbíteros (cf. LG 29; Directório, 1.4).

b) No exercício da diaconia da Palavra, o diácono proclama o Evangelho e prega a Palavra de Deus, dedicando-se à evangelização, à catequese dos fiéis nas diversas etapas da vida cristã, ao ensino religioso e à preparação para os sacramentos.

c) Na diaconia da Liturgia, juntamente com o bispo e o presbítero, o diácono é ministro ordinário do Batismo, devendo por isso dedicar-se também à preparação dos que o vão receber e de quem os apresenta (cf. Directório, 31). Na celebração da Eucaristia, assiste e ajuda os ministros que presidem à assembleia e consagram o Corpo e o Sangue de Cristo. Tanto na liturgia como fora dela, é ministro ordinário da Sagrada Comunhão, levando-A aos doentes. Pode expor o Santíssimo Sacramento e dar a bênção eucarística, presidir a eventuais celebrações dominicais na ausência de presbítero (cf. Directório, 32), à celebração do Matrimónio, dos sacramentais, das bênçãos e das exéquias. Deve, por isso, cuidar também da preparação dos fiéis para participarem ativa, consciente e frutuosa na Liturgia (cf. Directório, 33.36).

d) Na diaconia da Caridade, os diáconos promovem a prática das obras de misericórdia, tanto corporais como espirituais, e dedicam-se à pastoral dos doentes, à animação dos grupos eclesiais, particularmente de jovens e das profissões laicais, à promoção da vida em todas as suas fases, ao serviço de administração dos bens e das obras sociais da Igreja, tanto a nível paroquial como diocesano (cf. LG 29; Directório, 34.38).

e) O bispo pode ainda confiar ao diácono permanente a dinamização da pastoral familiar e outros serviços condi-

zentes com o seu ministério, seja no ensino e na formação, seja na assistência aos necessitados ou na coordenação e animação pastoral.

5. PERFIL DOS CANDIDATOS

a) Os candidatos ao diaconado devem ser homens com maturidade adequada, equilíbrio afetivo, notórias qualidades humanas, capacidade de relação e de colaboração com os outros, de liderança, animação e tomada de decisões ponderadas.

b) Devem, além disso, ser pessoas com uma fé íntegra e reta intenção, possuir a ciência devida, gozar de boa estima, ser íntegros de caráter e de virtudes provadas e dotados de todas as outras qualidades físicas e psíquicas condizentes com a ordem que hão de receber (cf. cân. 1029.1051; NF 31).

6. REQUISITOS PARA A ADMISSÃO

a) O discernimento e a aceitação de uma vocação ao diaconado permanente passam sempre pela Igreja, cabendo ao bispo a decisão final.

b) Os critérios para a admissão do candidato ao itinerário formativo e por fim à ordenação diaconal são os seguintes:

- estar dotado de maturidade afetiva, reta intenção, equilíbrio psicológico e emocional e suficiente capacidade intelectual (cân. 1029.1031; NF 31);
- ter estabilidade profissional (cf. NF 34);
- ser possuidor, no mínimo, do 12º ano de escolaridade ou formação literária equivalente;
- manifestar fé íntegra e fervorosa vida espiritual (cf. NF 31.32);
- estar inserido e ativo na própria comunidade e ter boa aceitação na paróquia (cf. NF 31.33);
- mostrar zelo apostólico e sentido pastoral, conhecimento das estruturas eclesiais e amor à Igreja;
- ter consciência de que se trata de uma vocação eclesial e não de um mero serviço social ou simples tarefa litúrgica (cf. NF 29);
- tratando-se de candidatos casados, possuir estabilidade no casamento e na vida familiar, ter pelo menos 35 anos de idade e 5 de matrimónio, o livre acordo da esposa e a sua disposição para assumir a nova condição do marido (cân. 1031, 2; NF 35.37);
- sendo um candidato que manifeste vocação celibatária, deve ter pelo menos 25 anos de idade (cf. cân. 1031, 2; NF 35);
- não ter idade superior a 65 anos, a menos que o bispo diocesano admita exceção num caso particular.

7. MANIFESTAÇÃO DA VOCAÇÃO E APRESENTAÇÃO

a) Os homens que manifestem vocação para o diaconado, por percepção própria ou interpelação de um sacerdote ou da comunidade cristã, são apresentados ao bispo diocesano pelo próprio pároco. Se, por razões pessoais ou pastorais, a identificação da vocação é feita por outro sacerdote, que não o pároco próprio do candidato, a apresentação é feita por ambos. Se o candidato pertencer a uma comunidade não paroquial, a apresentação é feita pelo responsável da mesma. Quem apresenta o candidato dá o seu testemunho, mencionando o que dele conhece, o seu percurso de vida e empenho apostólico e as razões que o

levam a ver nele sinais de uma vocação para o diaconado (cf. NF 40).

b) Junto com a apresentação mencionada, em carta dirigida ao bispo diocesano, o próprio candidato manifesta a sua disponibilidade e motivações para corresponder à vocação e a aceitação das condições para o discernimento e a formação em ordem ao ministério ordenado.

c) Cabe ao diretor do diaconado permanente a apreciação do processo apresentado e dar ao bispo o seu parecer sobre a vocação do candidato.

d) Compete ao bispo a decisão de admitir ou não o candidato ao itinerário formativo.

8. ITINERÁRIO DE PREPARAÇÃO

a) Depois de o candidato ter sido admitido, o itinerário para o diaconado permanente começará por um tempo propedêutico, “que deverá ter uma duração conveniente” (NF 41; cf. NF 42-44).

b) Com a celebração do rito litúrgico de admissão entre os candidatos à ordem do diaconado (cf. NF 45-48), inicia-se o tempo de formação, que durará “pelo menos três anos” (NF 49; cf. cân. 236, 2).

c) “Juntamente (e possivelmente em ligação) com o ensino da teologia pastoral”, o candidato fará um estágio, durante o tempo conveniente (cf. NF 87).

d) Ao longo do último ano da formação ou no tempo de estágio, o candidato será instituído nos ministérios do leitorado e do acolitado, devendo exercer cada um deles durante pelo menos seis meses (cf. NF 57).

e) Em situações excepcionais, ponderado o caso particular, o bispo poderá, por justos motivos, alterar o percurso do candidato.

9. A FORMAÇÃO PARA O DIACONADO PERMANENTE

a) A formação do candidato é essencial não só no processo de discernimento vocacional como, sobretudo, na preparação para o exercício do ministério diaconal (cf. cân. 1027). Tendo em conta as orientações das *Normas Fundamentais*, da Conferência Episcopal Portuguesa e do bispo diocesano, haverá um programa, a publicar oportunamente, onde serão definidos os conteúdos e os tempos formativos.

Tal programa abrangerá as dimensões humana, espiritual, teológica e pastoral. Haverá formação teórica e prática, que incluirá instrução, momentos de espiritualidade, experiências pastorais e um estágio, a realizar numa paróquia e/ou num serviço diocesano, com acompanhamento pelo diretor do diaconado permanente.

b) A **formação humana** ajudará os candidatos a serem homens com adequada maturidade, a cultivarem as necessárias qualidades e virtudes humanas, a melhorarem a sua capacidade de relação com os outros e de comunicação, de liderança e animação, de respeito e valorização de todos, a consciência moral e a liberdade, a expressão equilibrada dos afetos.

c) A **formação espiritual** contribuirá para o desenvolvimento, no candidato, da vida nova em Cristo recebida no batismo e a viver com uma espiritualidade cristã sólida e dinâmica que o anime na sua vida e no exercício do ministério diaconal.

A espiritualidade do diácono alimenta-se da sua íntima união com Cristo Servo (cf. Mt 20,28; Lc 22,27) e da imitação da sua prática do amor, da escuta orante e vivência

da Palavra de Deus, da celebração da Eucaristia e dos demais sacramentos, da Liturgia das Horas, da obediência e da comunhão fraterna com os outros ministros ordenados e os demais fiéis, como membro do Corpo de Cristo a que pertence (cf. NF 72-76).

d) A **formação teológica**, se o candidato ainda a não fez, será realizada normalmente pela frequência do curso geral de Teologia do Centro de Cultura e Formação Cristã. Na medida do possível, esta instituição diocesana dará também a sua colaboração na formação específica para a vida e o ministério dos diáconos permanentes, sob solicitação e coordenação do diretor do diaconado permanente.

A formação intelectual e teológica, que deverá ser “completa e séria”, obedecerá aos critérios e matérias indicados nas *Normas Fundamentais* (n. 80-84) e pela Conferência Episcopal Portuguesa, tendo em conta as condições dos candidatos e da Diocese.

e) A **formação pastoral** visa ajudar o candidato à “identificação cada vez maior com a diaconia de Cristo”, pelo que inclui a preparação espiritual, a aprendizagem da teologia pastoral e um estágio ou tirocinio prático (cf. NF 85). A finalidade e conteúdos desta formação são indicados nas *Normas Fundamentais* (n. 86-88).

f) O **estágio pastoral** visa ajudar o candidato a integrar na prática o que adquiriu nos estudos, a aumentar o seu conhecimento da Igreja diocesana, a desenvolver o ardor missionário e a inserir-se efetivamente na ação pastoral em cooperação com os outros ministros, os membros da vida consagrada e os fiéis leigos.

g) Para além desta formação inicial, após a ordenação sacramental, o diácono permanente deve procurar, ao longo da vida, por si e com os outros diáconos, todos os meios formativos válidos, nas várias dimensões, quer no âmbito específico do seu ministério quer em ações comuns para o clero. Este cuidado em continuar e atualizar a própria formação terá assim um lugar de destaque na vida do diácono, como expressão de fidelidade a Cristo e à Igreja (cf. *Directorio*, 63). Estas ações poderão ser promovidas pelo diretor do diaconado permanente ou por outras entidades reconhecidas pela Igreja e, se conveniente, podem ser convidadas a participar também as esposas dos diáconos (cf. NF 77).

10. RESPONSÁVEIS PELO DIACONADO PERMANENTE NA DIOCESE

A implementação, instituição e exercício do diaconado permanente é da responsabilidade do bispo diocesano que pode, por delegação, confiar a um diretor o serviço de coordenação e acompanhamento. Este será coadjuvado nessa tarefa pelo Serviço de Apoio ao Clero, de que é membro.

Compete ao **diretor do diaconado permanente** (cf. NF 21):

a) divulgar e sensibilizar a comunidade diocesana para o valor deste ministério ordenado;

b) dialogar com os párocos e outros responsáveis de comunidades eclesiais;

c) ser interlocutor para esclarecimentos, informação e formação;

d) acolher os pedidos de admissão, conhecer os candidatos e suas famílias, recolher os dados oportunos para o discernimento e dar o próprio parecer ao bispo para a sua decisão;

e) coordenar a formação, quer a inicial quer a permanente;

f) esclarecer e apoiar a família na aceitação e acompanhamento do itinerário vocacional do candidato (NF 78);

g) fazer acompanhamento espiritual e pedagógico dos candidatos durante o processo de discernimento e formação;

h) certificar-se de que os candidatos possuem as condições exigidas para este ministério;

i) preparar os ritos de admissão, a instituição nos ministérios e a ordenação diaconal;

j) acompanhar a inserção dos diáconos nas comunidades e no exercício do ministério.

11. CORRESPONSABILIDADES NO CHAMAMENTO, ACOMPANHAMENTO E FORMAÇÃO

Sendo o diaconado permanente uma vocação divina dirigida a uma pessoa concreta para o serviço eclesial, ela nasce na comunidade cristã. Para a sua identificação e acolhimento, requer a participação de várias mediações, nomeadamente dos pastores e outros servidores da ação pastoral, da família do chamado e daqueles que são encarregados de ajudar a reconhecê-la e a ela corresponder livre e maduramente.

a) Aos **párocos e outros presbíteros** compete identificar os possíveis chamados, fazer o primeiro discernimento dos sinais de vocação e qualidades que a sustentam, fazer eco do chamamento divino ao possível candidato, apresentá-lo ao bispo diocesano, conforme as presentes normas, acompanhá-lo e ajudá-lo no discernimento e na formação.

b) A **esposa** do candidato deverá dar o seu consentimento por escrito, reconhecendo e aceitando desta forma a sua vocação. Acompanhá-lo-á e será seu apoio no itinerário de discernimento e formação, participando sempre que possível nas ações para que seja convidada. Depois da ordenação, deverá acompanhar o marido, de modo oportuno, na sua vida e ministério, ajudando-o a manter o equilíbrio entre as responsabilidades familiares e profissionais e o serviço à Igreja. Também os outros membros da família podem “constituir uma ajuda extraordinária”, nomeadamente “com a oração, o respeito, o bom exemplo das virtudes domésticas e a ajuda espiritual e material” (NF 27).

c) O **candidato**, por sua vez, deverá dar-se a conhecer com verdade, para que o discernimento vocacional seja autêntico, colaborar na própria formação e com os responsáveis da mesma, estar disponível para qualquer serviço pastoral para que o bispo o nomeie, dando-lhe as informações oportunas sobre as suas próprias condições e capacidades, dedicar-se generosamente e com zelo ao ministério, sem prejuízo das suas responsabilidades familiares e profissionais.

d) Cada candidato escolherá um **diretor espiritual**, dando conhecimento do seu nome ao diretor do diaconado permanente. É sua missão acompanhar o candidato ao diaconado no seu crescimento e discernimento espiritual. Cabe-lhe ouvi-lo, prestar esclarecimentos oportunos e ajudá-lo a corresponder com verdade, liberdade e generosidade à sua vocação. O acompanhamento de um diretor espiritual deverá continuar também após a ordenação do diácono.

12. ORDENAÇÃO, SERVIÇO PASTORAL E CONDIÇÃO ECONÓMICA

a) Para se comprovar que o candidato possui as qualidades e competências requeridas para ser admitido à

ordenação diaconal, instrui-se um processo de averiguações. Este começa com o pedido do candidato ao Bispo diocesano para ser ordenado e inclui os certificados exigidos pelas normas canónicas, os testemunhos dos formadores, dos párocos do lugar onde o candidato reside e daqueles com quem colaborou e de fiéis que o conheçam bem. O diretor do diaconado permanente dará também o seu parecer fundamentado (cf. cân. 1050-1052; NF 60-65). Cabe ao chanceler a instrução deste processo, seguindo as instruções do bispo.

b) Pela Ordenação sacramental, o diácono “é constituído ministro sagrado, membro da hierarquia. Esta condição determina o seu estado teológico e jurídico na Igreja” (*Directório*, 1).

Tendo sido admitido ao ministério e ordenado pelo bispo diocesano, o diácono fica incardinado na Igreja particular de Leiria-Fátima, à qual fica vinculado (cf. *Directório*, 2). Receberá por isso um cartão de identificação a atestar a sua nova condição eclesial.

c) Depois de receber a Ordenação sacramental, sem prejuízo da sua vida familiar e profissional, o diácono permanente dispõe-se a aceitar a nomeação do bispo diocesano para o serviço pastoral que este houver por bem confiar-lhe. Tendo em conta as necessidades da Diocese e as capacidades do diácono, este poderá ser nomeado para colaborar numa ou mais paróquias, em algum serviço diocesano ou numa instituição eclesial (cf. *Directório*, 8.40-42).

d) Por princípio, o diácono permanente exerce o ministério sagrado a título de voluntariado, sustentando-se com o seu trabalho profissional ou rendimentos próprios. As despesas necessárias para a ação pastoral são suportadas pelas comunidades, serviços ou instituições que serve ou, supletivamente, pela Diocese.

No caso do bispo nomear um diácono para um serviço pastoral a tempo inteiro, ele será remunerado segundo os mesmos critérios que se usam na Diocese para os presbíteros, não esquecendo também a sua situação e necessidades familiares (cf. cân. 281). Caberá à entidade que lhe atribui a remuneração suportar os encargos legais para a segurança social.

e) Quando completar 75 anos de idade ou estiver em situações de saúde ou outras que não lhe permitam o normal desempenho do ministério sagrado, o diácono permanente deverá apresentar ao bispo diocesano a renúncia aos serviços para que foi nomeado.

13. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO SOBRE O DIACONADO

As presentes normas visam aplicar na Diocese as orientações e legislação do Magistério universal da Igreja e da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o diaconado permanente. Devem por isso ser compreendidas à luz dos documentos eclesiais.

Leiria, 13 de julho de 2016, Solenidade da Dedicção da Catedral.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO SOBRE O DIACONADO

II Concílio do Vaticano, *Constituição dogmática Lumen Gentium* (LG) (21/11/1964).

II Concílio do Vaticano, *Decreto Christus Dominus* (CD) sobre o *múnus* pastoral dos bispos na Igreja (28/10/1965).

Paulo VI, *Motu Proprio Sacrum Diaconatum Ordinem* (18/6/1967).

Paulo VI, *Cartas Apostólicas Ad Pascendum e Ministeria Quaedam* (15/8/1972).

Código de Direito Canónico (25/1/1983). É citado pela referência aos seus cânones (cân.).

Congregação para a Educação Católica e Congregação para o Clero, *Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes* (NF); *Directório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes* (22/2/1998).

Conferência Episcopal Portuguesa, *Directivas para a admissão e ordenação de candidatos nas dioceses de Portugal*; e *Normas práticas para a admissão e formação dos candidatos ao Diaconado Permanente nas dioceses portuguesas* (1979).

Decreto sobre a causa contenciosa entre o Colégio de São Miguel e o Padre Joaquim Rodrigues Ventura

Ref.: CE2016A-022

D. António Augusto dos Santos Marto, Bispo de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

1. O Colégio de São Miguel, pessoa coletiva religiosa da Diocese de Leiria-Fátima, com sede em Fátima, apresentou queixa ao Bispo diocesano contra o seu antigo diretor, o padre Joaquim Rodrigues Ventura, acusando-o de atos de administração ilegal e danosa.

Em reunião com o atual diretor e o Bispo, confrontado com os documentos que sustentavam a acusação, o padre Joaquim Rodrigues Ventura reconheceu os atos mas sem manifestar arrependimento nem disponibilidade efetiva para reparar os danos causados. Nessa ocasião e posteriormente por escrito, o Bispo exortou o antigo diretor a reconhecer e reparar os erros cometidos, sem que este o tenha atendido.

Após estas tentativas sem sucesso, querendo preservar e promover a reta administração dos bens eclesiásticos e exercer a justiça, segundo as normas canónicas, o Bispo constituiu um tribunal, *ad casum*, para julgar a causa contenciosa entre o Colégio de São Miguel (Parte Autora) e o padre Joaquim Rodrigues Ventura (Parte Demandada).

2. Tendo analisado os documentos da acusação e ouvido o Demandado e várias testemunhas de uma e outra parte, o Colégio dos Juizes apresentou ao Bispo o relatório da sua investigação e as conclusões da mesma.

Ponderando todas as provas e argumentos, o Colégio dos Juizes chegou à certeza moral (cân. 1608) de que o Demandado, padre Joaquim Rodrigues Ventura, enquanto diretor do Colégio de São Miguel:

- Cometeu delitos de: a) abuso de poder no cargo (cân. 1389 §§ 1-2); b) alienação de bens eclesiásticos sem as devidas solenidades canónicas (cân. 1291-1293; 1295-1298); c) prática de atos de administração inválidos (cân. 1281); d) violação dos deveres de boa administração (cân. 1284 § 2 nn. 3, 4 e 6); e) prática de doação ilícita (cân. 1285);

- Cometeu a violação externa de leis e preceitos canónicos, gravemente imputável por dolo (cân. 1321 § 1).

O mesmo Colégio considera que devem ser tidas como atenuantes:

- A idade do Demandado;
- A ausência de adequada vigilância da autoridade diocesana competente ao longo dos anos.

3. Sabendo que o Código de Direito Canónico determina que as penas contra os delitos provados devem ser justas (cf. cân. 1384), e que o Demandado deve ser punido segundo a gravidade dos atos (cf. cân. 1389 §§ 1-2);

Não existindo legislação diocesana particular para os delitos em causa;

A instauração deste processo penal meramente administrativo, com todas as formalidades jurídicas necessárias, constituiu o último recurso do Bispo diocesano para apuramento da verdade e dirimir a controvérsia que opõe o Colégio de São Miguel ao padre Joaquim Rodrigues Ventura.

Apesar das manifestações de vontade de cooperação e de reconhecimento dos erros por parte do Demandado, tais palavras não se traduziram em atos livres de reparação de danos e da verdade objetiva, pelo que não aceitamos a convolução dos autos em procedimento administrativo, como foi requerido pela sua advogada.

Quanto às nulidades e irregularidades invocadas pela dita advogada, as mesmas carecem de fundamento, bem como é mero expediente dilatório a apresentação de testemunhas nesta fase do processo.

No que se refere à administração de bens, o Demandado não mostrou sinais de conversão ou acatamento da lei canónica pois mantém a administração interdita aos clérigos nos termos dos cân. 285 (cân. 1042, 2º).

4. Além das atenuantes referidas pelo Colégio dos Juizes e a graça do Ano da Misericórdia, temos ainda em conta que o Demandado prestou também bons serviços ao Colégio de São Miguel e chegou a acordo com ele, no foro civil, restituindo o que lhe foi exigido para reparar os danos patrimoniais.

Assim, tendo ponderado tudo e ouvido o Vigário Geral, o Vigário judicial *ad casum* e o Promotor de Justiça, dado que o Demandado é clérigo, mas, por motivos de idade, se encontra liberto de ofícios eclesiásticos,

Havemos por bem determinar que:

1.º - O Demandado é proibido de todos os atos de poder de governo e de administração de bens eclesiásticos por um período de três anos.

2.º - O Demandado é também suspenso de todos os atos do poder de Ordem, não podendo presidir, celebrar ou concelebrar sacramentos ou sacramentais, em locais públicos, em Institutos de Vida Consagrada e em locais privados com participação de grupos de fiéis, por um período de 12 meses a contar da data da notificação deste Decreto.

3.º - É-lhe concedida a exceção para a celebração de sacramentos ou sacramentais de familiares diretos até ao 4º grau em linha colateral.

Caso se insista na apelação para o tribunal metropolitano, nós próprios reservamos o direito de recorrer à Congregação do Clero em ordem a obter o seu parecer sobre este processo e a respetiva sanção que foi aplicada.

Na esperança de reparar o escândalo provocado, nomeadamente perante o clero diocesano e os fiéis, e para o bem e serviço da Igreja, decretamos estas penas.

Leiria, 22 de julho de 2016.

† António Augusto dos Santos Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Mudanças no serviço eclesial, em setembro de 2016

Refª: CE2016E-003

O Bispo de Leiria-Fátima, Senhor D. António Marto, torna públicas as seguintes alterações no serviço eclesial:

O **P. Dr. Joaquim Domingos Luís**, da Congregação dos Missionários do Verbo Divino, é nomeado, com a anuência do seu Superior, *Diretor do Serviço de Animação Missionária*.

O **P. Dr. João Paulo Quelhas Domingues**, da Diocese de Beja, é nomeado, com a anuência do seu Bispo diocesano, *Capelão do Santuário de Fátima*.

O **P. Doutor José Nuno Ferreira da Silva**, da Diocese do Porto, é nomeado, com a anuência do seu Bispo diocesano, *Capelão do Santuário de Fátima*.

O **P. Rudolf Atzert**, da Diocese de Fulda – Alemanha, deixa o serviço no Santuário de Fátima.

Leiria, 15 de setembro de 2016.

Vítor Coutinho,

Chefe de Gabinete do Bispo Diocesano

Vigários da Vara

Refª: CE2016A-028

António Augusto dos Santos Marto, Bispo da Diocese de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

Sendo necessário proceder à nomeação de novos Vigários da Vara, de acordo com os cân. 553–555 do Código de Direito Canónico, e tendo consultado os presbíteros das respetivas vigararias, nomeamos os seguintes Vigários:

Vigararia da Batalha: **P. Dr. José Henrique Domingues Pedrosa**

Vigararia das Colmeias: **P. Dr. Orlandino Barbeiro Bom**

Vigararia de Fátima: **P. Mário de Almeida Verdasca**

Vigararia de Leiria: **P. Dr. Luís Inácio João**

Vigararia da Marinha Grande: **P. Armindo Castelão Ferreira**

Vigararia dos Milagres: **P. Filipe da Fonseca Lopes**

Vigararia de Monte Real: **P. Alcides Rocha dos Santos Neves**

Vigararia de Ourém: **P. Joaquim de Almeida Baptista**

Vigararia de Porto de Mós: **P. José Martins Alves**

Os novos Vigários da Vara entram em funções no próximo dia 22 de novembro, dia da tomada de posse, e o seu mandato é válido por três anos.

Leiria, 31 de outubro de 2016.

† António Augusto dos Santos Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Redução a usos profanos da Igreja de São Pedro

Refª: CE2016A-029

António Augusto dos Santos Marto, Bispo da Diocese de Leiria-Fátima, faz saber quanto segue:

Tendo presente o pedido apresentado pelo Pároco de Leiria no sentido de a Igreja de S. Pedro, em Leiria, ser

destinada de modo permanente a usos profanos, tendo em conta que este edifício já há alguns anos deixou de ser usado para o culto divino, e tendo a Câmara Municipal de Leiria manifestado intenção de usar este edifício para atividades culturais, determino, de acordo com o §1 do cân. 1222 do Código de Direito Canónico, que este edifício seja reduzido de modo permanente a usos profanos, perdendo, a teor do cân. 1212, a dedicação e bênção que lhe estava associada, deixando, assim, de ser considerado lugar sagrado.

Leiria, 22 de novembro de 2016.

† António Augusto dos Santos Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Nomeações em 2016

Ref.º: CE2016E-006

Para além das nomeações que foram oportunamente anunciadas, o Bispo diocesano, D. António Marto, ao longo do ano de 2016, fez ainda as seguintes nomeações:

1. O **P. Dr. Tiago Alexandre de Jesus Silva** foi nomeado *Vigário Paroquial da Maceira*.

2. O **P. Dr. José Alfredo Gonçalves Patrício**, da Diocese de Lamego, foi nomeado Assistente Espiritual da *Fundação Apostolado do Imaculado Coração de Maria*.

3. O **P. Vítor José Mira de Jesus**, foi nomeado *Administrador Paroquial de Monte Real*, de 04.07.2016 a 31.08.2016, por motivos de trabalho pastoral do P. David Nogueira Ferreira, na Diocese do Sumbe, em Angola.

Leiria, 31 de dezembro de 2016.

P. Vítor Coutinho,

Chefe de Gabinete do Bispo Diocesano

DOCUMENTOS PASTORAIS

Mensagem para a Quaresma Caminhos de Misericórdia

Ref.º: CE2016B-002

A Quaresma de 2016 não pode ser simplesmente como as anteriores. Ela coloca-se no coração do Ano Santo da Misericórdia. Isto impõe que demos um tom apropriado ao percurso dos quarenta dias que preparam a Páscoa, como nos sugere o Papa Francisco: “A Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus” (MV 17) e assim a nossa vida adquira um espírito e estilo de misericórdia.

O Santo Padre acaba de publicar a sua mensagem para a Quaresma com o sugestivo título “Prefiro a misericórdia ao sacrifício (Mt 9, 13). As obras de misericórdia no caminho jubilar”. Nela oferece-nos propostas concretas. Destaco as seguintes.

Escutar a Palavra de Deus

“A misericórdia de Deus transforma o coração do homem e fá-lo experimentar um amor fiel que o torna por sua vez capaz de misericórdia”. Para isso devemos primeiro pôr-nos à escuta da Palavra de Deus. Só assim podemos descobrir o rosto misericordioso do Pai, aprofundar a riqueza da misericórdia e as atitudes correspondentes no nosso estilo de vida e nas relações. Para este efeito temos à disposição o *retiro popular sob o lema “A graça da misericórdia sob o olhar de Maria”*. Peço encarecidamente a todas as comunidades o melhor empenho na organização desta caminhada espiritual.

Também a iniciativa “*24 horas para o Senhor*”, a realizar nos dias 4 e 5 de março, é uma oportunidade de escuta orante da Palavra num momento intenso de oração e adoração: “A misericórdia de Deus é de facto um anúncio ao mundo: mas cada cristão deve fazer pessoalmente experiência de tal anúncio”.

Este momento deverá ser bem preparado para que tenha qualidade e envolvimento de grupos e movimentos das comunidades. É aconselhável que aí também seja oferecida oportunidade para o sacramento da reconciliação.

Celebrar o sacramento da reconciliação

A valorização do sacramento da reconciliação é um dos aspetos que mais deve caracterizar a renovação espiritual e pastoral do Ano da Misericórdia. Neste sentido, o Papa faz um apelo premente: “*Com convicção ponhamos novamente o sacramento da reconciliação no centro*, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia. Será, para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior” (MV 17).

Por conseguinte, é necessário redescobrir a importância deste sacramento. Embora todos os sacramentos sejam sinal da misericórdia de Deus, *o sacramento da penitência e da reconciliação é o momento e o lugar em que experimentamos a compaixão de Deus do modo mais direto, mais*

imediate, mais íntimo e mais concreto e recebemos o dom do perdão quando em nome de Jesus nos é dito: “Os teus pecados estão perdoados”, com a fórmula da absolvição.

Antes de colocar o acento nas obras do penitente ou na fadiga da confissão, devemos colocá-lo primeiramente na confiança na graça do perdão, no que Deus é capaz de realizar em nós. Assim, *na catequese e na pastoral deve-se evidenciar que se trata de um sacramento da cura e, por isso, da alegria*: a alegria do perdão, do regresso à casa do Pai, da cura das feridas interiores, da reconciliação com Deus e com os outros, de reencontrar e aprofundar o gosto do bem, de readquirir a serenidade e a paz interior, de progredir no caminho da conversão

A atitude dos ministros do sacramento – os confessores – deve ser a de um pai. A sua primeira tarefa é acolher mesmo quem se encontra em situações difíceis: um acolhimento cordial, compassivo, paciente e respeitador da dignidade e da história pessoal de cada penitente. Enfim, como afirma o Papa Francisco, *“todos deveriam sair do confessionário com a felicidade no coração, com o rosto radiante de esperança”*.

Praticar as obras de misericórdia

O tempo da Quaresma é também ocasião para viver e testemunhar a misericórdia com gestos concretos. O Santo Padre insiste, pois, na prática das obras de misericórdia.

“Como não desejar que todo o povo cristão – pastores e fiéis – redescubra e ponha, de novo, no centro as obras de misericórdia corporais e espirituais durante o Jubileu?”

E quando no entardecer da vida nos for perguntado se demos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, de igual modo nos será perguntado se ajudámos as pessoas a sair da dúvida, se nos esforçámos a acolher os pecadores, advertindo-os ou corrigindo-os, se fomos capazes de combater a ignorância, sobretudo aquela que se refere à fé cristã e a uma vida boa. Esta atenção às obras de misericórdia é importante: não são uma devoção. É a concretização de como os cristãos devem pôr em prática o espírito de misericórdia.

Nestes anos, uma vez recebi um movimento importante na Aula Paulo VI e fiz a pergunta. “Quem de vós recorda bem quais são as obras de misericórdia corporais e espirituais? Quem as recorda, levante a mão”. Não foram mais de vinte pessoas a levantar a mão, numa sala onde estavam sete mil. Devemos começar de novo a ensinar aos fiéis esta realidade que é tão importante”.

Sugiro, pois, que cada um de nós faça o propósito de praticar, ao longo da quaresma, uma obra de misericórdia corporal e outra espiritual.

Também nesta perspectiva anuncio que o contributo penitencial desta Quaresma se destina a uma iniciativa de apoio social e económico a grávidas em dificuldade, que vamos implementar na nossa diocese através da Caritas Diocesana. Não basta lamentar-se da chaga do aborto; são precisas iniciativas concretas para prevenir.

Com Maria, Mãe de Misericórdia

Nesta caminhada quaresmal insere-se ainda a *nossa peregrinação diocesana a Fátima no V domingo da Quaresma, a 13 de março*, sinal do nosso caminhar juntos como Igreja “Com Maria, Mãe de Misericórdia”. Peço que nas comunidades se incentive uma boa preparação.

“Não percamos este tempo de Quaresma favorável à conversão”, como pede o Santo Padre. É tempo para crescer na escuta da Palavra, no acolhimento do perdão de Deus no sacramento da reconciliação e no exercício das obras de misericórdia para abrir os olhos e o coração aos pobres e aos que sofrem. O canto do Magnificat da Virgem Maria, mãe de Misericórdia, ajuda-nos a todos a ver a nossa história, pessoal e coletiva, com o olhar de Deus misericordioso “que derruba os poderosos e exalta os humildes”.

Leiria, 5 de fevereiro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Nota Pastoral

Visita da Imagem Peregrina

Ref^o: CE2016B-006

Caros Diocesanos,

De 1 a 13 de maio receberemos a imagem da Virgem Peregrina que percorrerá a nossa diocese visitando todas as vigararias e ainda o Estabelecimento Prisional de Leiria e o Hospital de S. André. Normalmente somos nós quem faz uma peregrinação ao seu santuário. Desta vez é Ela que vem até nós.

A Imagem Peregrina é um belo símbolo da Mãe da Ternura e da Misericórdia que vem visitar os filhos nos lugares onde vivem e trabalham. Com a sua imagem traz-nos a sua mensagem bem como o sinal da sua proximidade e do seu conforto. De certo modo, atualiza a visita que fez à prima Isabel quando, sem demora e com prontidão, se pôs a caminho para lhe levar a boa notícia de Jesus e, com Ele, a ternura da companhia e do apoio que Isabel necessitava.

Também, de alguma maneira, prolonga a visita aos pastorinhos em Fátima com a mensagem de misericórdia e de paz para a Igreja e a humanidade. Isabel e os pastorinhos são o modelo para acolhermos Nossa Senhora com os seus títulos de Nossa Senhora da Prontidão e da Ternura, Nossa Senhora da Mensagem que peregrina como missionária da alegria do Evangelho.

“Ela é a missionária que se aproxima de nós para nos acompanhar ao longo da vida e como uma verdadeira mãe caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus” (EG 266).

A imagem da Virgem Peregrina encerra junto de nós o seu périplo pelas dioceses de Portugal. Pelas informações que me foram chegando, ela foi recebida em apoteose por toda a parte. Espero que a nossa diocese também mostre o seu brio e a acolha de todo o coração, exprimindo com entusiasmo a gratidão e o louvor por ter sido particularmente agraciada com o dom das Aparições em Fátima. Peço o empenho de todos para que a sua visita seja uma grande bênção para toda a diocese e um momento forte de oração, de evangelização, de revitalização da fé.

Neste sentido devemos ter bem presentes três aspetos particulares, como aponte na carta pastoral:

- acolher a mãe que, com o seu olhar e o seu coração materno, nos ajuda a contemplar a ternura e a misericórdia de Deus;

- recebê-la como a mãe que reúne os filhos, ao seu redor, para que todos e cada um se sintam membros vivos desta grande família que é a Igreja do seu Filho Jesus;

- escutá-la como a mãe que convida os filhos a serem, como ela, Igreja missionária, em saída, que levam a ternura, o calor e a alegria do Evangelho a todas as periferias humanas.

Para este efeito, deverá também ser aproveitado o folheto que está em distribuição gratuita com uma breve apresentação da mensagem de Fátima e da espiritualidade dos Pastorinhos, para conhecer os dons e os frutos das Aparições da Virgem Maria. Peço aos pais e aos avós que contem aos seus filhos e netos essas maravilhas do Céu.

Acolhamos, pois, a mãe que se faz peregrina connosco para não nos deixar sós no caminho da nossa vida, sobretudo nos momentos de incerteza e de dor. À sua passagem ela repete para nós, hoje, a palavra de conforto que disse à pequena vidente Lúcia: “Não desanimes. Eu não te deixarei só. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”!

Olhemos para ela e deixemos que ela nos cative com a sua beleza, ternura e bondade!

Escutemo-la como Mãe do Bom Conselho e recebamos a sua mensagem e as suas advertências, os seus conselhos e as suas inspirações!

Façamos memória agradecida da sua visita e proximidade materna!

Cantemos com ela o seu “magnificat” e louvemo-la com a oração do rosário!

Confiemos-lhe a nossa vida e as nossas famílias; ponhamos a seus pés as nossas alegrias e os nossos anseios, as nossas tristezas e dores!

Peçamos a sua intercessão pelas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada; pelas crianças e pelos adolescentes, para que sejam educados no amor e na “alegria do Evangelho”; pelos jovens e pelas famílias, para que descubram a “alegria do amor” vivido na fé e na graça do sacramento do matrimónio.

Como ela, reparemos nos que sofrem e nos pobres, nos abandonados e nos desorientados, nos que buscam a fé e nos que aspiram pela liberdade, a paz e a justiça!

E, sob o seu manto protetor, impelidos pela sua palavra materna, pratiquemos as obras de misericórdia neste Ano Santo.

Que Nossa Senhora de Fátima nos abençoe e nos acompanhe ao longo da vida com o seu auxílio materno!

Leiria, 15 de abril de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Mensagem de Natal

Natal com as cores da Misericórdia

Ref.: CE2016B-014

À medida que se aproxima o Natal gera-se uma onda de festa, de movimentação, de alegria, de solidariedade. Parece que tudo se passa à superfície, sobretudo se fixamos o olhar nas grandes superfícies que se tornam nos “novos templos do consumo”. É caso para nos interrogarmos: onde está a “graça” própria do Natal cristão?

Este ano celebramos a festa do Natal num contexto eclesial muito significativo, precisamente na encruzilhada entre dois jubileus: no final do Ano Jubilar da Misericórdia

e na abertura do Ano Jubilar Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima como Mãe de ternura e misericórdia. *Estes dois acontecimentos convidam-nos a dar à vivência deste Natal a tonalidade da beleza das cores da misericórdia divina que o acontecimento natalício repercute em todo o mundo.*

A Beleza da Graça do Natal

O presépio é o símbolo que mais visualiza plasticamente este aspeto. Contemplemo-lo nuns instantes com o encanto da mãe, Maria de Nazaré, que meditava tudo em seu coração. De facto, *no presépio sorri-nos um menino recém-nascido, sinal da infinita ternura de Deus pelo nosso mundo sofredor, pela humanidade ferida, por cada um de nós.* Não vem com ares de triunfo, mas na humildade desarmada e desarmante de um pequenino pobre e indefeso. Estende-nos as suas pequeninas mãos e espera que o tomemos nos braços e o acolhamos na nossa vida, no coração de cada um. O verdadeiro presépio que ele ama é o coração de cada um e o mundo imenso à medida da sua ternura!

Este Jesus é “o rosto da Misericórdia de Deus”, que vem ao nosso encontro para comunicar ao mundo o amor entranhado de Deus que é ternura e misericórdia. *Nele se realiza o encontro de dois corações:* o de Deus que vem ao encontro do coração do homem para o aquecer e o dilatar na sua capacidade de amor universal.

As Cores da Misericórdia

Ninguém é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura. Por isso, o meu pensamento e a minha oração estendem-se e abraçam a todos, crentes ou não, e a todas as famílias, particularmente aos que vivem a provação da pobreza, da solidão, do abandono, da doença, do luto, da separação, do desemprego, da prisão... A todos e a cada um desejo que as festas natalícias tenham a marca da ternura, da misericórdia e da paz. Desejo-lhes pois:

- Um *Natal de fé viva* para acolher a visita de Deus com a sua ternura na oração familiar e na celebração da eucaristia;

- Um *Natal de fraternidade* para aquecer o coração dos que estão tristes e reacender neles a pequena chama da esperança;

- Um *Natal de diálogo* para quebrar as cadeias do individualismo e os medos que nos impedem de ir ao encontro dos outros;

- Um *Natal de partilha* para acabar com o escândalo da pobreza e converter os nossos hábitos de excesso de consumo e desperdício em modos de vida mais simples e mais sóbrios;

- Um *Natal de reconciliação e de paz* para superar os conflitos que dividem as nossas famílias e as nossas comunidades.

O Valor de um Gesto

Celebrar o mistério do Natal de Cristo com as cores da misericórdia exige realizar atitudes ou gestos concretos de proximidade, de ternura e de solidariedade para levar esperança a quantos estão no sofrimento e na aflição. À luz das diversas dimensões do Natal acabadas de referir, cada um deverá interrogar-se como concretizar uma delas. Não bastam as palavras belas e vãs, as aparências sem conteúdo. Interroguemo-nos: onde está o amor fraterno, o espírito

de paz, de perdão e reconciliação, o sentido de partilha e solidariedade?

Apelo vivamente à participação de todos na iniciativa de solidariedade de Natal promovida pela Caritas Internacional e levada a cabo pela nossa Caritas Diocesana “10 milhões de estrelas” pela paz. Cada vela custa 1 euro. As verbas resultantes desta campanha revertem para a Caritas Diocesana no apoio às famílias locais e para a Caritas da Grécia a fim de dar resposta às necessidades de várias famílias vulneráveis de refugiados.

“Sobre nós permanecem poisados os olhos misericordiosos da Santa Mãe de Deus. Ela é a primeira que abre a procissão e nos acompanha no testemunho do amor” (Papa Francisco): Confiemo-nos a Ela neste Natal com as nossas famílias e todos os que estão no sofrimento e na aflição.

Desejo a todos Santo e Alegre Natal e apresento os meus melhores votos de Feliz Ano de 2017!

Leiria, 13 de dezembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

TEXTOS DIVERSOS

Homilia do Dia do Consagrado Acendei no mundo o fogo da Misericórdia

Ref^a: CE2016B-001

É motivo de particular alegria celebrarmos a festa da Apresentação de Jesus no templo neste dia da reabertura ao culto da Basílica de Nossa Senhora do Rosário com a dedicação do altar – após as obras de restauro - e do encerramento do Ano da Vida Consagrada. Com fraterna alegria saúdo todos os fiéis presentes e, de modo particular, os caríssimos consagrados e consagradas dos vários institutos.

1. Hoje, Jesus quer entrar no templo da nossa vida

O mistério da apresentação de Jesus no templo é cheio de beleza, de ternura e encanto. Contemplemos antes de mais Jesus que, levado por Maria e José, entra pela primeira vez no templo como menino recém nascido para aí ser oferecido ao Pai.

Lendo a cena evangélica mais em profundidade, compreendemos que, naquele momento, é o próprio Deus a apresentar e oferecer o seu Filho Unigénito através de Maria sua mãe que o entrega nos braços do velho Simeão e da profetisa Ana. Os braços de Simeão são os do povo que o acolhe; a sua exclamação é o grito de júbilo de quem descobre no menino a consolação do povo de Israel, a salvação da humanidade e a luz de todos os povos.

Com a procissão de velas queremos significar que a Igreja encontra na fé Aquele que é a luz dos homens e o acolhe para levar esta luz que ilumina a vida dos homens e a história no caminho da verdade e do amor.

Hoje, Jesus quer entrar também no templo da nossa vida, no coração de cada um de nós para acender a chama e o fogo do amor com o seu Espírito Santo.

2. No altar da eucaristia celebramos o dom do amor misericordioso

Nesta festa da apresentação, Jesus convida-nos também a participar na oferta de si ao Pai, que havia de culminar na oferta total da sua vida na cruz pelos homens, como nos lembra a carta aos hebreus: “Ele não veio em auxílio dos anjos, mas dos homens. Por isso fez-se em tudo semelhante aos seus irmãos para ser sumo sacerdote misericordioso e fiel no serviço de Deus para resgate e redenção do povo. Porque foi provado pelo sofrimento, pode socorrer aqueles que sofrem provação” (2, 16-18).

Aqui encontramos o tema da misericórdia. Na entrega de Jesus trata-se da oferta do amor misericordioso de Deus que excede todo o cálculo e toda a medida. Ele dá-se todo e dá tudo para eliminar todas as distâncias e fazer-se próximo, para oferecer o perdão, restabelecer a comunhão, vencer o ódio e a violência, curar as feridas do coração humano, dar vida nova, trazer a paz.

Oh que amor tão grande e tão belo da entrega de Cristo! É este mistério do seu “corpo dado e sangue derramado” que celebramos no altar da eucaristia onde nos é

oferecido em comunhão. Por isso dedicamos o novo altar com a oração de consagração e com a simbólica eloquente da unção com o óleo, do braseiro aceso e do incenso para exprimir a beleza, o calor e o suave odor que este amor misericordioso irradia para o mundo.

A dedicação do altar também nos interpela a participar nesta oferta com aquele mesmo pedido que Nossa Senhora fez aos pastorinhos: “Quereis oferecer-vos a Deus?”, colaborar com a sua misericórdia na reparação do pecado do mundo? Sim, Deus procura colaboradores em favor dos outros para a transformação do mundo e pede uma resposta também a nós hoje e aqui.

3. Vida consagrada, escola privilegiada de misericórdia

Por fim, a apresentação de Jesus é ícone, por excelência, da vida consagrada e convida a renovar a oferta total dos consagrados, de modo particular hoje no encerramento do Ano da Vida Consagrada.

Não é este o momento oportuno para fazer o balanço deste ano. Quero sublinhar apenas o feliz cruzamento do Ano da Vida Consagrada com o Ano Santo da Misericórdia. Este último não eclipsou aquele; antes, veio fazer sobressair a vida consagrada como um dom precioso da misericórdia para a Igreja e para o mundo e veio também alargar-lhe o horizonte da missão.

Neste momento da história creio que a vida consagrada, na pluralidade dos seus carismas, é chamada a ser “escola privilegiada da ternura e da misericórdia de Deus”, de confiança no seu amor que nunca abandona, para este mundo tão ferido, dilacerado, dividido, violento à busca de fraternidade para se poder viver juntos. Destaco apenas dois aspetos. Em primeiro lugar, a missão profética de quem, com a sua entrega inteira ao Senhor, é capaz de despertar no mundo distraído e indiferente uma abertura do coração ao Deus misericordioso, à dimensão transcendente da vida sem a qual a Europa e a nossa sociedade correm o risco de perder o espírito humanista e fraterno como estamos a verificar em relação ao drama dos refugiados.

Em segundo lugar, o espírito missionário de uma Igreja em saída para ir ao encontro dos outros, a todas as periferias humanas possíveis, a levar a ternura e a misericórdia de Deus, a luz e o calor do evangelho: “Há uma humanidade inteira que espera: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas ou órfãs de afeto, jovens sem horizontes de futuro, doentes e idosos sós ou abandonados, pobres com fome e carenciados, gente rica com o vazio no coração, homens e mulheres à busca do sentido da vida, sedentos do divino...”(Papa Francisco).

Irmãs e irmãos consagrados, convosco queremos elevar ao Senhor um hino de ação de graças pelo dom da vida consagrada. Se ela não existisse, como seria mais pobre o mundo e a Igreja! Mas desejaria lembrar-vos que “há caminhos não andados que esperam por alguém”, que esperam por vós. Como velas acesas acendei, por toda a parte, a luz e o fogo da misericórdia do Senhor. Com o auxílio materno de Maria renovai os propósitos e reavivai os sentimentos que inspiraram e inspiram o sim da vossa doação inteira ao Senhor para o serviço do seu povo.

Basilica de Nossa Senhora do Rosário,
2 de fevereiro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia da Peregrinação Diocesana A coragem da misericórdia

Ref.º: CE2016B-003

Salve, Mãe de Ternura e de Misericórdia!

É com esta saudação que queremos dirigir-nos à Virgem Maria, neste Ano Santo da Misericórdia, com os olhos fixos na sua imagem, invocando a sua intercessão e consolação materna. Nesta sua casa, em forma de recinto, ela acolhe e abraça a nossa querida Igreja diocesana de Leiria-Fátima de que é padroeira e que hoje aqui vem em peregrinação de confiança na misericórdia divina. Também eu como vosso irmão bispo quero saudar todos os diocesanos presentes e as vossas comunidades representadas pelos respetivos estandartes que formam uma espécie de coroa à volta de Nossa Senhora. A todos abraço espiritualmente no meu coração de pastor.

Neste dia 13 de março devemos lembrar também o nosso querido Papa Francisco no terceiro aniversário da sua eleição: três anos fascinantes e cheios da alegria do evangelho e de dinamismo de renovação para a Igreja e o mundo. Daqui de Fátima enviamos-lhe uma saudação cheia de afeto e de gratidão pelo seu testemunho e pelo anúncio da misericórdia como coração do seu pontificado e da missão da Igreja.

O perdão, carícia da misericórdia

A página do Evangelho de S. João põe à nossa contemplação o rosto concreto misericórdia divina no encontro da mulher adúltera com Cristo. É uma cena dramática, mas ao mesmo tempo de incomparável beleza e de comovente ternura que nos toca e não deixa impassíveis.

Trouxeram a Jesus uma mulher adúltera não para ser salva, mas para a condenar segundo a lei. Ela está só, sem defesa, exposta e humilhada diante de todos com o seu pecado, rodeada pelos acusadores. Não há lugar para a sua história, os seus sofrimentos, os seus dramas nem para as suas lágrimas. Os acusadores têm nas palavras e nas mãos as pedras que matam. A mulher não só perdeu publicamente a honra, mas está prestes a perder a vida. Podemos supor que, no seu coração, palpita uma ansiedade e um anseio: onde posso encontrar quem me escute com as minhas feridas profundas? Onde encontrar quem me diga uma palavra de verdadeira libertação?

Jesus, por sua vez, inclina-se por terra diante da mulher e dos acusadores como quem se inclina sobre a fragilidade humana, simbolizada no pó da terra em que Jesus escreve, e a assume sobre si. Assim cria um tempo de silêncio embaraçante como quem convida todos a entrar em si e a interrogar a sua própria consciência. E de seguida explicita essa interrogação: “Quem de vós estiver sem pecado atire a primeira pedra”: palavra incisiva, daquelas palavras que nos abalam, fazem entrar no mais profundo de nós mesmos e nos desassossegam. Palavra dirigida a cada um de nós quando estamos para julgar o irmão ou irmã que pecou.

Por fim, Jesus pronuncia a palavra da misericórdia e do perdão: “Mulher, ninguém te condenou? Nem eu te condeno. Vai e não voltes a pecar”. Eis uma dúzia de palavras que bastam para mudar uma vida! Sim, Deus diz: “Não quero a morte do pecador, mas que ele se converta e viva” (Ez 33, 11). O perdão é uma carícia da sua misericórdia!

Estamos perante a grandeza e a beleza inenarráveis e indizíveis da ternura e da misericórdia do Senhor. De facto, Jesus restituiu à adúltera a beleza perdida da sua vida: salvou-a como mulher, na sua dignidade de pessoa, na sua humanidade, na sua feminilidade, na verdade do seu amor sponsal, na verdade sua relação a Deus e aos outros.

Deus maior que o nosso coração

No centro da narração não está o pecado ou o pecador a perdoar ou condenar. Está Deus “maior que o nosso coração”, a sua misericórdia que supera todas as nossas expectativas e medidas: que perdoa, cura as feridas, resgata, enche de graça e ternura, cumula de dons, rejuvenesce, defende com justiça os oprimidos, arranca ao poder do pecado e da morte, abre caminhos de uma vida nova e de um futuro novo.

Deus nunca nos fecha o seu coração. Como Pai espera sempre por nós, nunca desiste de cada um de nós. Não reduz o pecador ao seu pecado; perdoa sempre, perdoa tudo, sabe identificar o que há de bom no fundo de cada pessoa e dizer-lhe: tu vales mais, infinitamente mais do que o teu pecado, tem confiança! Não há qualquer limite à misericórdia divina; ninguém é excluído dela. Basta só abrir o nosso coração! Oh como é bom e belo o nosso Deus! Ele cuida de nós e das nossas feridas. E chama-nos a ser misericordiosos como Ele. Confiamos nele e confiamo-nos a Ele? Abrimo-nos ao seu perdão no sacramento da reconciliação?

A Igreja não está no mundo para condenar

A esta luz compreendemos também a missão da Igreja e dos cristãos: “A Igreja não está no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com aquele amor entranhado que é a misericórdia de Deus”, diz o Papa Francisco.

Se as pessoas se sentem condenadas à partida, nós não estamos a transmitir a mensagem evangélica. “É inútil abrir todas as portas santas de todas as basílicas do mundo se a porta do nosso coração está fechada ao amor, se as nossas mãos estão fechadas para dar, se as nossas casas estão fechadas para oferecer hospitalidade, se as nossas igrejas estão fechadas para acolher”.

A misericórdia abre o nosso coração às necessidades e à miséria dos outros, aos problemas escondidos, à pobreza material e a todo o sofrimento: de uma criança que sofre, de uma família em dificuldade, de um sem abrigo, de um jovem que não encontra sentido para a vida, de um idoso na solidão, esquecido e sem reconhecimento, de um refugiado sem apoio solidário.

Quando a comunidade cristã acolhe as pessoas com delicadeza, as escuta com atenção, as ama como são, quando cura, reconcilia, anima e encoraja a viver a vida boa do evangelho, torna-se no que ela tem de mais luminoso: uma comunhão de amor, de compaixão, de consolação e perdão, o reflexo da misericórdia divina, um oásis de misericórdia no deserto da cultura da indiferença e da aridez dos corações. Queremos levar o evangelho da misericórdia à família e ao mundo do sofrimento e da pobreza? Queremos formar comunidades de misericórdia?

Para um mundo sem a pena de morte

O que falta no mundo de hoje é a experiência concreta da misericórdia. Nós temos necessidade das obras de misericórdia na própria vida social. Tendo presente o evangelho

deste domingo sobre a mulher adúltera condenada à morte pelos acusadores e salva por Jesus, quero aqui fazer eco do apelo do Papa Francisco relativo à abolição da pena de morte e às condições dos presos, no passado dia 21 de fevereiro: “O Jubileu extraordinário da Misericórdia é uma ocasião propícia para promover no mundo formas cada vez mais maduras de respeito da vida e da dignidade de cada pessoa. Também o criminoso mantém o direito inviolável à vida, dom de Deus. Faço apelo à consciência dos governantes, para que se alcance um consenso internacional para a abolição da pena de morte. Todos os cristãos e homens de boa vontade estão chamados hoje não só a comprometer-se pela abolição da pena de morte, mas também a melhorar as condições carcerárias, no respeito pela dignidade humana das pessoas privadas da liberdade”. Eis uma bela atualização da obra de misericórdia “visitar os presos”!

“No céu temos o coração de uma mãe. A Virgem, nossa mãe, que aos pés da cruz experimentou todo o sofrimento possível a uma criatura humana, compreende os nossos dramas e consola-nos” (S. Leopoldo Mandia). Que Nossa Senhora, Mãe de Ternura e de Misericórdia, Refúgio dos pecadores, nos acolha e proteja sob o seu manto maternal e nos ajude a fazer da nossa vida um lugar de acolhimento e um canto à misericórdia divina que faz maravilhas como diz o refrão do salmo: “O Senhor fez maravilhas em favor do seu povo”!

Santuário de Fátima, 13 de março de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Discurso

Bênção do Órgão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Ref.º: CE2016B-004

Esta veneranda casa de Deus, a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, foi renovada no seu esplendor por ocasião do Centenário das Aparições. Hoje estreia, solenemente, o órgão restaurado a cuja bênção vamos proceder para ser destinado à sua finalidade própria: a glorificação de Deus e a edificação da fé. Desde logo desejo saudar cordialmente todos os presentes que quiseram associar-se a este momento espiritual da vida do nosso Santuário.

O Papa Bento XVI, com a sua profundidade de pensamento e beleza de estilo, ressalta as múltiplas potencialidades deste instrumento nos seguintes termos: “O órgão, desde sempre e com toda a razão, é qualificado como o rei dos instrumentos musicais, porque retoma todos os sons da criação e dá ressonância à plenitude dos sentimentos humanos, desde a alegria à tristeza, desde o louvor até à lamentação. Além disso, transcendendo como toda a música de qualidade a esfera simplesmente humana, o órgão transporta-nos para o divino. A grande variedade dos timbres do órgão, desde o piano até ao fortíssimo arrebatador, faz dele um instrumento superior a todos os outros. Ele é capaz de dar ressonância a todos os âmbitos da existência humana. As múltiplas possibilidades deste instrumento recordam-nos de algum modo a imensidade e a magnificência de Deus”.

Na Bíblia são muitas as passagens dos Salmos em que se convida a louvar a Deus com o canto e os instrumentos. O Salmo 150 fala de trombetas e flautas, de harpas e cítaras, de cravos e tímpanos: todos estes instrumentos musicais são chamados a dar a sua contribuição ao louvor de Deus trinitário exprimindo as vibrações mais profundas que se elevam do coração e da alma dos fiéis.

Bento XVI põe ainda em relevo a especificidade do órgão com o seu carácter simbólico de grande expressividade: “Num órgão, os numerosos tubos e os registos devem formar uma unidade. De facto, a multiplicidade dos sons e a capacidade de fundi-los em harmonia fazem dele um instrumento de carácter comunitário evidente, símbolo da unidade na diversidade. Se aqui ou ali algo se bloquear, ou um tubo estiver desafinado, num primeiro momento será perceptível talvez somente por um ouvido educado. Mas se mais tubos não estão bem afinados, então ocorrem dissonâncias e começa a tornar-se insuportável. Também os tubos deste órgão estão expostos a mudanças de temperatura e a fatores de cansaço.

Esta é uma imagem da nossa comunidade na Igreja. Como no órgão uma mão perita deve sempre conduzir as desarmonias à reta consonância, assim também na Igreja devemos encontrar, na variedade dos dons e dos carismas, mediante a comunhão na fé, o acorde no louvor de Deus e no amor fraterno. Quanto mais, através da Liturgia, nos deixarmos transformar em Cristo, tanto mais seremos capazes também de transformar o mundo, irradiando a bondade, a misericórdia e o amor de Cristo pelos homens”.

Peçamos, pois, ao Senhor que assim como o som dos diversos tubos forma uma única harmonia, também nos conceda a nós aqui reunidos ser membros vivos da sua Igreja no amor recíproco e no espírito fraterno.

Concluo fazendo votos de que todos os frequentadores desta Basílica, mediante o esplendor do edifício e através da liturgia enriquecida pela harmonia do órgão restaurado e pelo canto solene, sejam conduzidos à beleza, sempre antiga e sempre nova, de Deus e à alegria da fé sob a guia materna de Maria, mãe de ternura e de misericórdia!

Santuário de Fátima, 20 de março de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia da Missa Crismal

Como é belo ser ministro da Misericórdia e do Perdão de Deus

Ref^o: CE2016B-005

Como é belo e consolador escutar neste dia, da boca de Jesus, o anúncio do Ano Jubilar com toda a sua grandeza de graça e misericórdia de Deus que vem em ajuda dos dramas e das feridas dos homens de hoje.

Nesta manhã de Quinta feira Santa é particularmente belo e consolador para nós, padres e bispos, tomarmos consciência de que somos ministros da misericórdia e do perdão de Deus por pura graça do seu amor, em virtude da ordenação sacerdotal de que hoje fazemos grata e alegre memória.

Neste contexto do Ano Jubilar da misericórdia saúdo a todos os presentes e, de modo especial, todo o presbitério

e os sacerdotes que durante este ano celebram o jubileu da sua ordenação. Lembramos também na comunhão dos santos, o P. Júlio Vieira que terminou o seu percurso junto de nós.

Hoje desejaria meditar convosco sobre o *sacramento da penitência e da reconciliação como o lugar precioso e privilegiado para fazer experiência da misericórdia de Deus*.

Todos nós sabemos as dificuldades que este sacramento muitas vezes encontra. Mas também sabemos que o Senhor quis fazer este dom à Igreja para nos dar a certeza do amor do Pai. “Como é belo encontrar no sacramento da reconciliação o abraço misericordioso do Pai, descobrir o confessional como lugar da misericórdia, deixar-se tocar por este amor misericordioso do Senhor que perdoa sempre” (Papa Francisco, JMJ 2016). Por isso é importante que descubramos a beleza do sacramento a partir desta perspectiva, salientando determinados aspetos que requerem maior e melhor cuidado espiritual e pastoral.

1. Sacramento de cura e de alegria

Antes de mais, na catequese e na pastoral deverá tornar-se evidente que se trata de um sacramento de cura e, por isso, de alegria: a alegria do perdão, da reconciliação com Deus e com os irmãos, da cura das feridas interiores; a alegria de reencontrar e aprofundar o gosto do bem, de avançar no caminho da conversão e da vida nova, de readquirir a serenidade e a paz interior.

O Evangelho não fala só do perdão; fala também da festa para o filho que regressa à casa do Pai. A festa faz parte do sacramento como diz tão expressivamente o Papa Francisco: “*toda a absolvição é, de certo modo, um jubileu do coração que alegra o fiel mas também e sobretudo o próprio Deus*”.

É uma alegria que não pode ficar escondida no coração, mas deve ser partilhada e deve irradiar na vida quotidiana, nos outros, no ambiente e nas estruturas.

Infelizmente tem-se posto o acento mais naquilo que o penitente deve fazer, esquecendo que o mais importante é o que Deus realiza em nós: a sua iniciativa de vir a nós com a graça do perdão que torna possível levantar-se, recomeçar, avançar no caminho da conversão e da cura.

À luz do seu amor misericordioso, nós veremos melhor as nossas recusas, infidelidades, traições e omissões, os nossos egoísmos; mas ouviremos repetir sempre a palavra de Jesus à pecadora: “Tem confiança! A tua fé te salvou. Vai em paz” (Lc 7, 50). Sim, no *sacramento da reconciliação experimentamos a compaixão de Deus do modo mais pessoal, mais direto, mais imediato, mais íntimo e mais concreto ao recebermos o dom do perdão* quando em nome de Jesus nos é dito: “Os teus pecados estão perdoados”, com a fórmula da absolvição.

A este propósito, o Papa Francisco conclui: “*Todos deveriam sair do confessional com a felicidade no coração, com o rosto radiante de esperança, mesmo se por vezes banhado pelas lágrimas da conversão e da alegria*”!

2. Acolher com coração misericordioso

Para que o sacramento da reconciliação possa ser experiência alegre de perdão e de cura é indispensável o acolhimento do Pai que vem ao encontro e abraça o filho que regressa “para não morrer à fome”.

As situações pessoais daqueles que vêm confessar-se são as mais diversas: desde os que ainda não amadureceram um verdadeiro arrependimento até aqueles que reduzem o gesto sacramental a um hábito de rotina.

Todos devem, porém, encontrar acolhimento misericordioso da parte do confessor. É atual a advertência de Santo Afonso Maria de Ligório, padroeiro dos confessores: “Será certamente grande e segura a salvação dos bons confessores que se empenham na saúde dos pecadores... Mas a Igreja chora ao ver tantos filhos seus perdidos por falta de bons confessores”. Acrescenta ainda que a primeira atitude do confessor deve ser a de um pai que acolhe também aqueles que se encontram em situações difíceis.

O acolhimento misericordioso concretiza-se na “arte de escutar que é mais que ouvir”: na escuta cordial, compassiva, paciente e respeitadora da dignidade e da história pessoal de cada penitente. Só assim permite “despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anseio de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na sua própria vida”(EG 171). Quanta delicadeza, paciência e capacidade de discernimento são precisas ao bom confessor!

3. A pedagogia da misericórdia no processo de conversão e de cura

À pessoa frágil e fragilizada pelo pecado e pelas suas feridas é necessário ajuda-la a abrir-se à verdade na luz do amor misericordioso de Deus e a ver que a verdade do evangelho é sempre medicinal, capaz de curar e de dar nova energia. Mas para curar é necessário reconhecer a doença!...

É pois missão do confessor ajudar a incarnar na vida concreta do penitente a verdade que salva, tendo em conta as possibilidades concretas e sempre com a misericórdia de Cristo. Como no campo da saúde, não basta que determinado medicamento corresponda à doença; também é necessária uma posologia que corresponda ao estado e às forças da pessoa doente, não vá ele morrer da cura!

O Papa Francisco recorda esta pedagogia: “Sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar com misericórdia e paciência as possíveis etapas de crescimento das pessoas que se vão construindo dia após dia”.

Assim será possível que o confessor não seja um tribunal de condenação, uma lavanderia da sujidade, um caixote do lixo, nem “uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível. Um pequeno passo no meio de grandes limitações humanas pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades. A todos deve chegar a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus que atua misericordiosamente em cada pessoa para além dos seus defeitos e das suas quedas” (EG 44).

Meus caros irmãos padres, ponde o melhor do vosso zelo e da vossa criatividade pastoral na busca dos horários melhores e de novas formas de proporcionar aos fiéis o sacramento da reconciliação. A iniciativa das “24 horas para o Senhor” trouxe-nos sinais positivos. Não podemos, pois, limitar-nos a fazer o que é costume! Nós próprios devemos renovar a consciência de que também somos pecadores penitentes necessitados de recorrer ao sacramento do perdão.

Através de catequeses, celebrações e outros atos pastorais oportunos, eduquemos os fiéis para a misericórdia; deixemo-nos também educar para a misericórdia pela experiência pessoal do sacramento, e guardemos sempre um olhar sobrenatural sobre o sacramento como dom de Deus de que somos ministros não por mérito próprio, mas por pura misericórdia de Deus. Esta atitude nos tornará mais humildes e misericordiosos.

Confiemo-nos a Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia e Refúgio dos pecadores: que ela nos guie, acompanhe e ampare no exercício do ministério da reconciliação e do perdão à maneira de Cristo, rosto da misericórdia do Pai.

Sé de Leiria, 24 de março de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Esclarecimento

Fundação “Arca da Aliança”

Vieram recentemente a público informações sobre a relação entre a Diocese de Leiria-Fátima e a Fundação «Arca da Aliança», sediada em Fátima. Sendo algumas das afirmações incorretas, esclarece-se o seguinte:

1. A Fundação «Arca da Aliança» foi criada, em 1997, por iniciativa e vontade pessoal do Padre Joaquim Ventura, que era simultaneamente diretor do Colégio de S. Miguel, funções que desempenhava desde 1966.

2. A Fundação «Arca da Aliança» não é uma obra eclesial, porquanto não tem estatuto canónico nem estatutos aprovados por qualquer autoridade da Igreja.

3. A Fundação foi criada pelo Padre Ventura como instituição de direito privado civil, não tendo para o efeito consultado o Bispo diocesano nem manifestado interesse no “reconhecimento eclesial”, procurando para a mesma somente o estatuto civil de pessoa coletiva de utilidade pública.

4. Somente 12 anos depois, em 2009, o Padre Ventura apresentou os estatutos ao bispo diocesano e pediu que fosse concedida a personalidade jurídica canónica. Não sendo clara a identidade da instituição e os âmbitos de responsabilidade nela previstos, a Diocese pediu esclarecimentos sobre a natureza da instituição, os seus bens e órgãos gerentes, a ligação ao Colégio de S. Miguel e os seus meios de financiamento.

5. Dos esclarecimentos prestados, apurou-se na altura que a Fundação era iniciativa pessoal do Padre Ventura com bens pessoais e da família. A ligação ao Colégio de S. Miguel situava-se, segundo o Padre Ventura, ao nível de uma convergência e complementaridade de objetivos, bem como na participação do diretor do Colégio e de outros colaboradores nos órgãos dirigentes e nas atividades da Fundação.

6. Informado de que, para obter o estatuto canónico, os estatutos deveriam ser alterados de modo a estarem de acordo com as normas da Igreja, o Padre Ventura, em reunião com o Bispo diocesano e o Vigário Geral, recusou o estatuto canónico, ficando a Fundação somente como instituição de direito privado civil.

7. Face ao pedido do Padre Ventura no sentido de obter uma declaração da Diocese onde se reconhecesse que as

finalidades da Fundação eram consentâneas com a missão social da Igreja, o Vigário Geral, tendo por base apenas as informações que na altura foram prestadas e sem conhecer as irregularidades praticadas pelo Padre Ventura, a seguir expostas, em carta datada de 27 de janeiro de 2010 declara que a Fundação é reconhecida, enquanto entidade meramente civil, na sua existência, fins e atividades.

8. Só após a tomada de posse do novo Diretor do Colégio de S. Miguel, em 9.07.2012, chegou ao conhecimento do Bispo diocesano que a Fundação tinha sido criada e mantida, em grande parte, com bens e serviços do Colégio ilegitimamente desviados, o que motivou a instauração de dois processos judiciais ao Padre Ventura: um no foro civil e outro no foro canónico. O processo civil conduziu a um acordo que obrigou o Padre Ventura a restituir ao Colégio as verbas e outros bens desviados. O processo canónico está em curso no tribunal eclesiástico de Leiria-Fátima.

9. O Padre Adelino Guarda, enquanto diretor do Colégio de S. Miguel, agiu neste processo em sintonia com o Bispo diocesano.

Leiria, 11 de abril de 2016.

*Gabinete de Informação e Comunicação
da Diocese de Leiria-Fátima*

Homilia da ordenação sacerdotal Pastores com o perfume do amor e o bálsamo da misericórdia de Cristo

Ref: CE2016B-007

Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e Deus de toda a consolação, que hoje consola a nossa Igreja com a ordenação de dois novos padres, dons da sua divina misericórdia.

O Povo fiel de Deus, vindo de dentro e de fora da diocese, acorreu em multidão a esta catedral exultante de alegria. Quer acolher em ação de graças esta dádiva divina e trazer o seu afeto, o seu ânimo e o seu apoio aos caros ordenandos.

Neste clima de alegria quero saudar desde já os dois candidatos, o Tiago Silva e o Armindo Rodrigues juntamente com os seus pais e familiares, o Senhor D. Serafim, bispo emérito, o P. Jovanete, Superior da Congregação dos Marianos da I. C. em Portugal e todos os padres concelebrantes, os seminários de Leiria e do Patriarcado de Lisboa com os seus formadores e seminaristas, as comunidades de origem e as de estágio pastoral, todos vós fiéis aqui presentes.

Celebramos esta ordenação no domingo do Bom Pastor, dia do encerramento da semana de oração pelas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada; mas também no contexto do Ano Jubilar da Misericórdia, do ano pastoral dedicado a Maria, Mãe de Ternura e Misericórdia, e com a presença da Cruz da Evangelização que hoje se despede rumo à Jornada Mundial da Juventude. Estes acontecimentos constituem a moldura da nossa celebração que ressaltam a sua beleza e a tornam mais eloquente.

O rosto de Cristo Bom Pastor, resplandecente de misericórdia

A imagem do pastor é o sinal característico deste quarto domingo do tempo pascal. Jesus ressuscitado continua a ser o Pastor bom e belo que guia e protege o rebanho que é a sua

Igreja. A passagem do Evangelho de hoje oferece-nos três traços da ternura e da misericórdia de Jesus, o Bom Pastor.

Em primeiro lugar, o pastor que conhece as ovelhas pelo nome e estas o reconhecem pelo timbre da sua voz. Não é um conhecimento genérico, mas amoroso e terno, de relação familiar, de intimidade e fidelidade;

Deste conhecimento resulta o seguimento do pastor que conduz às fontes da água viva, da comunhão no amor e que dá a vida verdadeira e eterna;

Por fim, a vida dos que o escutam e seguem está nas mãos de Deus: “ninguém as arrebatará da minha mão... ninguém pode arrebatá-las da mão do meu Pai” – afirma Jesus, para exprimir a pertença, a proteção, a segurança e a libertação do medo e do mal que o pastor oferece ao rebanho, como tão belamente diz o salmo: “Ele nos fez, a Ele pertencemos, somos ovelhas do seu rebanho”. Ou, como diz S. Paulo, “nada nem ninguém nos pode separar do amor de Deus em Cristo”.

Quem não vê aqui a misericórdia de Deus que resplandece no rosto do Bom Pastor, o rosto de um Deus que nos ama entranhadamente, nos segura pela mão e nunca nos abandona?

Mãos ungidas para levar o perfume do amor e o bálsamo da misericórdia

“Por meio da Igreja e particularmente dos sacerdotes, a misericórdia de Deus deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa sem excluir ninguém... Jesus apresenta-se como Pastor de 100 ovelhas, não de 99; e quer tê-las todas. A partir desta consciência tornar-se-á possível que a todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia” (AL 309).

O sacramento da Ordem que ides receber, caros ordenandos, torna-vos participantes, de modo especial, da missão de Cristo. Se o escutardes docilmente e o seguides fielmente, aprendereis com Ele a traduzir na vida e no ministério pastoral o seu amor misericordioso para a salvação das pessoas. Com a ajuda de Jesus, cada um de vós tornar-se-á um bom pastor procurando ter os mesmos sentimentos e atitudes de Jesus.

O Senhor quer prolongar os seus gestos de misericórdia através do ministério que nos confia. Nós somos hoje as mãos estendidas de Cristo. Também as vossas mãos vão ser ungidas com óleo santo perfumado, “conscientes de que a unção não é dada para se perfumar a si mesmo” (Papa Francisco), mas para levar o perfume do amor de Cristo e o bálsamo da sua misericórdia através das vossas mãos: mãos abertas para acolher e dar alento a toda a hora; mãos que abençoam e perdoam; que acalentam e protegem; que guardam e apoiam; que levantam e exortam; que assim cuidam dos feridos e ajudam a curar as feridas do coração e da alma; mãos que nos entregam um tesouro precioso e inesgotável que é o amor de Cristo comunicado na Palavra e nos sacramentos!

É belo ser padre! O padre cuida da saúde espiritual dum povo e apela ao que há de mais belo e positivo no coração de cada homem e de cada mulher!

Maria, mãe e mestra dos sacerdotes

Neste ano pastoral, nas vésperas de centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima, não podíamos deixar de evocar aqui a Mãe do Bom Pastor. O Concílio Vaticano

II convida os sacerdotes a olhar para Maria como o modelo perfeito da própria existência, invocando-a como “Mãe do sumo e eterno Sacerdote, Rainha dos Apóstolos, Auxílio dos presbíteros no seu ministério”. E acrescenta que os presbíteros “devem venerá-la e amá-la com devoção e culto filial” (PO 18).

Maria tem uma relação de predileção com os sacerdotes como tinha com os apóstolos. Por isso, a ausência de Maria no caminho espiritual de um padre é sintoma de notável carência e imperfeição. Contemplá-la e amá-la como mãe é deixar-se atrair pelo sim que a associou de forma admirável à missão de Cristo; é proclamar a grandeza do Senhor e da sua misericórdia a favor dos homens e não alimentando um projeto autorreferencial (em que tudo gira à volta do ego), segundo o próprio interesse; é sentirmo-nos, como a mãe de Jesus, servos e servidores humildes, cheios de respeito pela vida de cada pessoa, pela sua história de sofrimento, e não príncipes e donos do seu povo. Assim, nas comunidades às quais fordes enviados vós chegareis não com um olhar de senhor e de juiz, mas com um olhar de amor, de bênção de Deus, de misericórdia e de ação de graças.

Oração pelas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada

A vocação ao sacerdócio é uma vocação belíssima e singular na Igreja. Invoquemos, pois, a intercessão da Virgem Maria, Mãe da Igreja, para que em cada comunidade cristã cresça a atenção e o cuidado pelas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada: “Maria, Mãe do Bom Pastor, intercedei por cada comunidade cristã a fim de que, tornada fecunda pelo Espírito Santo, seja fonte de vocações para o serviço do povo santo de Deus”!

Confiemos-lhe também os nossos jovens para que se deixem interpelar pela Cruz da Evangelização aqui presente. Caros jovens amigos, esta cruz é o símbolo onde resplandece a grandeza do amor “entregue por vós e por todos” e que a todos quer chegar. É com esta cruz do seu amor universal que Jesus bate hoje à porta do vosso coração para vos dizer: “conto convosco”. Se Ele surpreender alguns de vós, no vosso íntimo, com o seu olhar e a sua chamada a entregar-vos inteiramente no sacerdócio, sede generosos no vosso sim. Pensai nisso, peço-vos. E não tenhais medo! Ele nunca nos abandona nas dificuldades!

Rezemos, por fim, pelos que vão ser ordenados sacerdotes para que Maria os ajude a configurarem-se à imagem do seu Filho Jesus, Bom Pastor, dispensadores do tesouro inestimável do seu amor. Maria, Mãe dos sacerdotes, rogai por todos eles! Amén! Aleluia!

Catedral de Leiria, 19 de abril de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Oração à Virgem Maria Bem-Vinda, Virgem Peregrina de Fátima

Ó Virgem Maria, Nossa Senhora de Fátima, bem-vinda entre nós!

Esperámos por ti como filhos ansiosos de receber a visita da mãe. Chegas entre nós no primeiro dia do mês

de maio, a Ti particularmente dedicado, o “maio florido” como que a lembrar-nos que Tu és a flor mais bela que desabrochou na criação, a “rosa” que anuncia ao mundo uma nova primavera espiritual.

Vens visitar a nossa querida diocese com a mesma mensagem de misericórdia, de conversão e de esperança que trouxeste há quase cem anos, naquele longínquo 13 de maio de 1917, e confiaste aos três pastorinhos de Fátima. Nós queremos receber-te como nossa mãe, Mãe de Ternura e de Misericórdia.

Os nossos corações, ó Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, precisam da alegria do Evangelho: aquela mesma alegria que tu recebeste de Deus através do anjo e que te levou a deixar a tua terra, Nazaré, para ir ao encontro de Isabel e cantar as maravilhas que o Senhor fez em ti para a salvação do mundo.

Hoje não somos nós que caminhamos ao teu encontro, mas és tu que caminhas, Virgem Peregrina, e vens ao nosso encontro para nos visitar em casa, em família, nas ruas e praças das nossas aldeias e cidades.

Porventura chegas um pouco apreensiva, porque os teus filhos sofrem hoje a tentação de esquecer as suas próprias raízes cristãs... Vem, Nossa Senhora de Fátima, e traz a tua mensagem de alegria, de esperança e de conversão a toda a nossa diocese.

Toca ao de leve com o teu olhar de Mãe e com o teu coração, cheio de ternura, o coração destes teus filhos, dos mais pequenos e pobres, dos que são marcados pela dor da enfermidade, da solidão, do abandono e do luto, dos que vivem indiferentes ou afastados de Deus... Mas também de todas as crianças, dos jovens, das famílias e dos idosos que participam e colaboram ativamente na vida das nossas comunidades. A todos apresenta o teu Filho, Jesus, a razão do nosso viver, do nosso amar, do nosso servir e lutar por um mundo melhor.

Ao longo de 13 dias, ó Virgem Peregrina, estarás conosco na nossa diocese.

Bem-vinda entre nós, Virgem Peregrina de Fátima. Ajuda-nos a não ter medo de te acolher na nossa vida. Contagia-nos com o teu sorriso e com o teu olhar cheio de ternura e mansidão. Ensina-nos a rezar e a dizer sim ao amor de Deus, à Palavra de Jesus e a descobrir cada vez mais a beleza da vocação e da missão cristã.

Vela por nós, filhos teus,

Mãe de Jesus, nosso bem;

Tu podes, és mãe de Deus

Tu queres, és nossa mãe!

Ato de Consagração da Diocese a N.ª Senhora de Fátima

Bem-Aventurada Virgem de Fátima,
com renovada gratidão pela tua presença materna
unimos a nossa voz à de todas as gerações
que te proclamam bem-aventurada.

Em ti celebramos as grandes obras de Deus,
que nunca Se cansa de inclinar-Se com misericórdia
sobre a humanidade, afligida pelo mal e ferida pelo pecado,
para a curar e salvar.

Acolhe com benevolência de Mãe

o ato de entrega da nossa diocese de Leiria-Fátima
que hoje fazemos com confiança,
diante desta tua imagem que nos é tão querida.

Estamos certos de que cada um de nós é precioso aos teus olhos e que nada do que habita os nossos corações te é estranho.

Deixamo-nos alcançar pelo teu dulcíssimo olhar e recebemos a carícia consoladora do teu sorriso. Guarda a nossa vida entre os teus braços: abençoa e fortalece todo o desejo de bem; vivifica e alimenta a fé; ampara e ilumina a esperança; suscita e anima a caridade; guia a todos nós no caminho da santidade.

Ensina-nos o teu mesmo amor de predileção pelos pequenos e pobres, pelos excluídos e sofredores, pelos pecadores e os de coração transviado; reúne a todos sob a tua proteção e a todos entrega ao teu amado Filho, Jesus Nosso Senhor. Amen!
(Papa Francisco)

01.05.2016
† António Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Mensagem

Visita da imagem peregrina ao Estabelecimento Prisional de Leiria

Caros irmãos reclusos,

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima é o símbolo da Mãe de Ternura e de Misericórdia que vem visitar os seus filhos nos lugares onde eles moram. Com a sua imagem traz a sua mensagem, o sinal da sua presença, da sua proximidade e do seu conforto.

Para quem olha Maria, a Mãe de Jesus? Olha para nós, para cada um de nós em pessoa.

E como é que nos olha? Olha-nos como mãe, com ternura, com misericórdia, com amor.

Quando estamos cansados, desanimados, atribulados pelos problemas, *olhem para Maria*, sintamos o seu olhar que diz ao nosso coração o que disse em Fátima: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei só. O meu Coração Imaculado será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”!

Nossa Senhora conhece-nos bem: é mãe; sabe quais são as nossas alegrias e as nossas dificuldades, as nossas esperanças e as nossas desilusões. Quando sentimos o peso das nossas fraquezas, dos nossos pecados, *olhem para Maria*, que diz ao nosso coração: “Levanta-te. Vai ter com o meu Filho Jesus. Nele encontrarás bom acolhimento, misericórdia e nova força para continuares a caminhar”.

A mãe continua a falar ao coração dizendo: não fiques fechado no teu passado. Antes, transforma-o em caminho de crescimento humano e espiritual. É sempre tempo de renascer, de recomeçar uma vida nova!

E como recomendação final: rezai pelas vossas famílias e pelos vossos queridos, também eles feridos, para que possam experimentar a esperança e a misericórdia de Deus.

Todos vós que estais aqui procurai construir e cultivar um espírito de família: abri os vossos corações aos outros animando-vos e apoiando-vos através da ajuda e do serviço recíproco.

Que Nossa Senhora de Fátima vos abençoe e vos acompanhe sempre com o seu auxílio materno!

03-05-2016
† António Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Homilia da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo Vamos cear com Jesus

Ref. CE2016B-008

Celebramos hoje uma festa muito querida ao povo cristão: a festa do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo ao qual queremos manifestar publicamente a nossa adoração através da procissão eucarística pelas ruas da cidade. A festa é embelezada ainda pela presença de 350 crianças da diocese que fizeram este ano a primeira comunhão. Para vós, caros amiguinhos e amiguitas, os meus parabéns e uma saudação carinhosa. Sei que preparastes esta celebração durante a manhã com um jogo chamado “Vamos cear com Jesus”, que nos evoca a última ceia de Jesus com os apóstolos, donde deriva o sacramento da eucaristia. O que quer dizer então “vamos cear com Jesus”?

Vamos cear com Jesus: a comunhão com Jesus

Na ceia da despedida, Jesus não nos deixou uma fotografia, uma imagem, uma relíquia sua nem qualquer outra recordação ou lembrança como nós costumamos fazer quando nos ausentamos para longe.

Jesus deixou o dom mais admirável: o da sua presença e do seu amor como só Ele o pode fazer enquanto Ressuscitado e vivo. Ele mesmo em pessoa faz-se dom no sinal do pão para permanecer no meio de nós para sempre. O sinal do pão é simples, mas belo e eloquente: diz-nos que Jesus é para nós Pão da Vida, como alimento que sustenta e fortalece a nossa vida espiritualmente.

“Tomai e comei, isto é o meu corpo”: não se pode comer Jesus ressuscitado, presente na figura do pão, como se come um simples pedaço de pão para saciar o estômago. *Comer este pão é comungar; é entrar em comunhão com a pessoa de Jesus vivo e verdadeiramente presente.* É um encontro de grande amizade entre duas pessoas; é deixar que Jesus venha ao meu coração, que me transforme interiormente para eu viver configurado a Ele que é o Amor vivo.

Quando comungamos, fazemos um ato de fé. Recebemos Jesus no nosso coração e na nossa vida: “Senhor, eu quero comungar contigo, quero viver do teu amor, seguir os teus passos, colaborar contigo para um mundo melhor”.

Como vivo a celebração da eucaristia dominical: participo com gosto pela amizade de Jesus? Se eu não participo, é sinal de que não tenho grande amizade com Ele. Vivo a santa missa como um momento de verdadeira comunhão com o Senhor Jesus?

Vamos cear com Jesus: o pão partido e partilhado por todos

Quando recebemos Jesus em comunhão fazemos também outra experiência bela: a comunhão com os irmãos.

Vindos de várias proveniências de lugares, famílias, raças ou estratos sociais, nós encontramos-nos todos reunidos e unidos à mesma mesa do Senhor. Todos comungamos o mesmo Cristo e o mesmo amor. O Pão eucarístico é pão partido e partilhado por todos. Embora sendo muitos, formamos um único corpo, uma só comunidade com Cristo, uma fraternidade.

O evangelho de hoje mostra-nos a alcance fraterno da eucaristia. Na multiplicação dos pães, Jesus ensina-nos a partilhar o pouco que temos e somos e com isso ele faz maravilhas. “Dai-lhes vós mesmos de comer”: a eucaristia convida-nos a estar atentos e responder aos vários tipos de fome dos irmãos: fome de pão, de amor, de acolhimento fraterno, de compreensão, de perdão; fome de trabalho, de justiça, de solidariedade; fome de sentido para a vida, de felicidade, de ânsia dum mundo novo, mas sobretudo fome de Deus, do seu amor misericordioso e de oração comunitária.

Como vivo a celebração da eucaristia: isolado, anónimo, indiferente aos outros ou como momento de encontro, de comunhão e de partilha com os irmãos?

Vamos levar Cristo e a bênção do seu amor ao mundo

É nossa missão ser sinal da presença de Jesus no mundo de hoje e levar o calor do seu amor às periferias humanas onde há sofrimento e é necessária a solidariedade.

Por isso, nós levamos Cristo, presente na eucaristia, em procissão pelas ruas da nossa cidade. Confiamos estas ruas, as casas e as famílias que nelas vivem ou trabalham – a nossa vida quotidiana – à sua bondade. Queremos que as nossas ruas sejam também as ruas por onde Cristo passa; que as nossas casas sejam casas onde Ele tenha lugar; que a nossa vida de cada dia seja tocada pela sua presença.

Com este gesto pomos sob o seu olhar misericordioso os sofrimentos dos doentes, a solidão dos jovens e dos idosos, as tentações, os medos que nos perturbam, toda a nossa vida.

A procissão é expressão de uma grande bênção pública para a nossa cidade e para toda a diocese: o Senhor resuscitado é em pessoa a bênção divina para o mundo. Que o raio da sua bênção se estenda sobre todos e cada um de nós!

Parque do Avião (Leiria), 26 de maio de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia da reinauguração da igreja da Golpilheira, paróquia da Batalha Dedicação da Igreja de Nossa Senhora de Fátima

Ref. CE2016B-009

De todo o coração me associo à grande festa que aqui nos reúne, presidindo a um acontecimento tão significativo como é a dedicação da vossa igreja reconstruída para o culto divino e o serviço da comunidade cristã da Golpilheira, tendo como titular Nossa Senhora de Fátima.

Finalmente tendes uma igreja acolhedora e funcional; uma igreja bela que favorece o recolhimento e suscita a

alegria de poder celebrar dignamente a presença do Senhor e proclamar a sua palavra; uma igreja bem visível e atrativa que quer ser apelo constante a uma fé sólida presente no mundo.

Vivemos hoje uma jornada que coroa os esforços, as fadigas, os sacrifícios e o empenho da comunidade para erguer este edifício. É dia de alegria e de emoção!

Permiti que vos saúde e dê os vivos parabéns a todos os que contribuíram, de vários modos, para a realização deste belo projeto. Saúdo de modo particular o Pároco, o Conselho administrativo e pastoral, a comissão da igreja da Golpilheira, as excelentíssimas autoridades e os demais convidados.

A celebração de hoje é muito rica de palavras e de símbolos que nos ajudam a compreender e interiorizar o significado e o valor profundo da dedicação da igreja. Seleccionei três pensamentos da Palavra de Deus que foi proclamada.

1. Sinal visível da presença de Deus invisível

A primeira leitura narra um momento-chave da história do Povo de Deus: a festa da dedicação do templo de Jerusalém totalmente reconstruído por Salomão. Dentro do templo foi de novo colocada a arca da aliança que continha as dez Palavras (mandamentos) da aliança de Deus com o seu povo. Aí Salomão eleva uma comovente oração ao Deus fiel e misericordioso, Deus amigo dos homens que a todos quer bem, defensor dos pobres e dos prófugos rejeitados.

A esta luz não é difícil compreender que *o edifício da igreja existe como sinal visível que convida a levantar o olhar e o coração para o mistério de Deus, da sua presença como Deus conosco e da beleza do seu amor misericordioso que não abandona o seu povo: sinal visível da presença de Deus invisível.*

Isto é de grande significado numa época como a nossa em que se vive um “eclipse cultural de Deus”: um ocultamento do sentido da sua presença nas consciências, na cultura e na sociedade, em que se vota Deus ao esquecimento, se põe à margem como supérfluo ou se vive como se Ele não existisse. Com a consequência de que os homens sem Deus ficam mais sós, mais confusos e desorientados, mais tristes, divididos e violentos, menos solidários.

Esta é a grande tentação e o risco de sempre e de hoje de que Nossa Senhora nos veio advertir em Fátima. O próprio exemplo dos Pastorinhos é interpelador: eles dão-nos o testemunho de fascinados pela beleza de Deus e do seu amor em que se sentiam abraçados: “Oh como é Deus! Gosto tanto de Deus!” – exclamava o Francisco. Também nós devemos redescobrir o encanto, o gosto e o gozo de Deus amigo dos homens!

2. Sinal da Igreja comunidade de fé e de amor

A segunda leitura mostra-nos que Deus quer habitar no meio de nós num templo de pedras vivas e não de pedras mortas. De nada vale erguer templos de pedra, se não há lugar para Deus no templo vivo do nosso coração.

A Igreja de pedras vivas é construída sobre a única pedra angular que dá solidez e coesão ao edifício espiritual: Jesus Cristo. Uma comunidade cristã viva existe onde reconhecemos Jesus como Senhor e Salvador e o seguimos na vida; edifica-se onde se escuta e lê o Evangelho de Cris-

to, se celebram os sacramentos do seu amor e se vive o amor fraterno. Não é uma Igreja de pedras mortas, uma estação de serviços religiosos, mas uma comunidade de fé, de esperança e de amor.

Nesta perspetiva, o edifício da igreja existe para que nele se possa celebrar a festa da comunhão de Deus conosco e a alegria da comunhão fraterna. É esta beleza da comunhão que nos une e reúne na Eucaristia e nos leva a exclamar: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”! Amor que supera todas as diferenças e barreiras entre nós e faz de nós membros de um só Corpo de Cristo.

Daqui resulta a forma de ser e o testemunho da comunidade cristã: igreja de portas abertas para acolher a todos; onde cada um é apoio de todos e todos apoio de cada um, partilhando as alegrias e as dores, com atenção particular aos pobres e necessitados.

Mostrai que a fraternidade é possível! Não deixeis que vos roubem o ideal da comunidade e do amor fraterno!

3. Sinal da Igreja em saída ao encontro das feridas da humanidade

Os dons de Deus que celebramos e recebemos na igreja, não são para ficarem encerrados dentro dela, mas para serem comunicados aos outros. Entrando um dia numa pequena igreja dos Alpes italianos li sobre o pórtico esta inscrição que me impressionou: “Aqui entra-se para adorar a Deus; daqui sai-se para amar os homens”! Por isso, as nossas celebrações terminam com um envio em missão: “Ide em paz; o Senhor vos acompanhe”.

Ide para o mundo. É lá a vossa missão. O Senhor acompanha-vos para anunciardes e levardes o seu amor misericordioso a todas as periferias humanas: para cuidar dos feridos da vida e curar as suas feridas; para promover a cultura do encontro face à da indiferença e da exclusão; para levar a luz do evangelho aos afastados; para trabalhar em prol da fraternidade, da justiça e da paz e renovar o mundo.

São Pedro, na carta que ouvimos, exorta-nos a viver em santidade no mundo, não nos deixando contagiar pelo cancro da corrupção que estende as suas metástases e mina as consciências e a sociedade. *Sejamos, pois, plenamente cidadãos dignos do Evangelho de Cristo. Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário!*

Caros irmãos e irmãs, pedimos a Jesus que ilumine e guie a vossa comunidade, a faça crescer na fé convicta e alegre, na comunhão fraterna e no testemunho da alegria do Evangelho. *Confiemos esta nossa prece às mãos maternas de Maria, Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Ela mostra-nos o que é a Igreja de pedra vivas. Mostra-no-lo com um simples sim da fé e do seguimento de Jesus.* Tomemo-la como modelo; invoquemo-la como Mãe que vela por nós:

Vela por nós, filhos teus,
Mãe de Jesus, nosso bem;
Tu podes, és Mãe de Deus,
Tu queres, és nossa Mãe!
Golpilheira, 29 de maio de 2016.
† António Marto,
Bispo de Leiria-Fátima

Mensagem de abertura Congresso Mariológico Mariano Internacional

Como bispo da diocese anfitriã do XXIV Congresso Mariológico Mariano Internacional é com imensa satisfação que saúdo e dirijo uma palavra cordial de boas vindas, em primeiro lugar, a sua Eminência, o Senhor Cardeal D. José Saraiva Martins, como Enviado Especial do Santo Padre, Papa Francisco, para presidir em seu nome a este Congresso. A presença e a presidência de Vossa Eminência revestem-se ainda de particular relevo enquanto o senhor Cardeal é filho da nossa querida pátria lusitana, nosso compatriota, reconhecido pela sua grande devoção a Nossa Senhora de Fátima, tão afetivamente ligado à mensagem e à sua divulgação através do mundo, ao nosso Santuário e, de modo especial, aos Pastorinhos em cuja beatificação se empenhou quando era Prefeito da Congregação da Causa dos Santos. Na pessoa de Vossa Eminência saudamos o Santo Padre Francisco, testemunhamos-lhe o nosso profundo afeto filial e agradecemos-lhe a bênção apostólica que nos enviou.

É-me grato também estender esta cordial saudação a todos os congressistas.

Quero agradecer muito reconhecidamente à Pontifícia Academia Mariana Internacional, na pessoa do seu Presidente, P. Vincenzo Battaglia, o ter aceite tão amavelmente a proposta do Santuário de Fátima para que este XXIV Congresso Mariológico Mariano Internacional se realizasse aqui no âmbito da comemoração do centenário das Aparições.

O próprio tema escolhido para o Congresso, “O acontecimento de Fátima cem anos depois. História, mensagem e atualidade” corresponde a um anseio e a uma necessidade: um estudo rigoroso e científico, por peritos de mariologia, não só para visitar a história, investigar as fontes, avaliar a receção da mensagem nas várias dimensões e nas diversas partes do mundo, mas também para aprofundar a sua atualidade e a sua dimensão profética para a Igreja e para a humanidade na chave da misericórdia e da cultura do encontro propostas pelo pontificado do Papa Francisco, abrindo novas perspetivas de futuro e de paz.

Fátima é de facto um acontecimento incontornável para a história da Igreja e da humanidade, com um alcance universal único. Por isso mesmo é um sinal dos tempos como tão bem o expressou São João Paulo II em 1997:

“Às portas do Terceiro Milénio, olhando os sinais dos tempos neste século XX, Fátima conta-se certamente entre os maiores, até porque anuncia na sua Mensagem e condiciona à vivência dos seus apelos muitos dos restantes que lhe sobrevieram; sinais como as duas guerras mundiais, mas também grandes assembleias de nações e povos sob o signo do diálogo e da paz; a opressão e as convulsões sofridas por diversas nações e povos, mas também a voz e a vez dadas a populações e gentes que entretanto se levantaram na arena internacional; as crises, deserções e tantos sofrimentos nos membros da Igreja mas também uma renovada e intensa sensação de solidariedade e mútua dependência no Corpo Místico de Cristo, que se vai consolidando em todos os batizados, segundo as respetivas vocação e missão; o afastamento e abandono de Deus da parte de indivíduos e

sociedades, mas também uma irrupção do Espírito da Verdade nos corações e nas comunidades, tendo-se chegado à imolação e ao martírio para salvar «a imagem e semelhança de Deus no homem» (cf. Gn 1, 27), para salvar o homem do homem. De entre estes e outros sinais dos tempos, como dizia, sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, Guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX”.

Nesta sequência, o Papa Bento XVI não hesitou em apresentar Fátima como “a mais profética das aparições modernas” com a luz e a visão de esperança e de paz que projeta sobre a história.

A relação com o contexto histórico mundial, eclesial e político, “permite falar de Fátima como de um acontecimento na Igreja e no mundo”. Talvez só hoje, à distância de quase um século, estejamos em condições de compreender com maior profundidade a verdade e todo o alcance desta mensagem.

Fátima merece bem que lhe seja dedicado um congresso deste nível promovido pela Pontifícia Academia Mariana Internacional. Alegro-me o interesse que o tema despertou nos vários grupos linguísticos representantes dos diferentes continentes. Por fim, desejo aos académicos e a todos os participantes um trabalho frutuoso que possa oferecer uma contribuição séria e válida para o aprofundamento da mensagem de Fátima “que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio”. Confio o congresso à proteção maternal da Virgem Maria, Mãe da Igreja e modelo eclesial para a evangelização. Muito obrigado a todos!

Santuário de Fátima, 6 de setembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Mensagem

Caminhada Solidária Sobre Rodas

É com grande alegria que estou aqui convosco para dar o sinal de partida desta caminhada solidária promovida pelo grupo missionário Ondjoyetu em favor da missão do Gungo, em Angola, com a qual a nossa diocese de Leiria-Fátima tem uma geminação.

Saúdo cordialmente todos os participantes e de modo particular o Senhor Dr. Raul Castro, Presidente da Câmara de Leiria, o Sr. Dr. José António de Sousa, Presidente da Liberty seguros, a nossa atleta Aurora Cunha, o núcleo de Espeleologia de Leiria e os representantes das várias empresas patrocinadoras deste evento. A todos agradeço a presença e o apoio.

Esta caminhada solidária é uma iniciativa de “ecologia integral”. Quer dizer, é uma iniciativa boa e que faz bem ao corpo, à mente e ao coração generoso e solidário dos que caminham; mas também aos que vão beneficiar desta solidariedade lá longe na missão do Gungo.

Em 2012 tive a oportunidade de visitar esta missão e de estar lá uma semana no meio daquele povo. Lá não há pobreza; há miséria! Aquela gente vive carenciada do mais básico a todos os níveis: da alimentação, da higiene, da saúde, da educação, da aprendizagem dum trabalho profissional e das técnicas da agricultura. Se não fosse o apoio da missão, dos padres e leigos que para lá partem, esse povo ficaria abandonado.

Partilho convosco algo que o P. Vítor Mira me contou e me deixou comovido. Quando um dia ele manifestou no Gungo a vontade de regressar a Portugal, pediram-lhe que não os deixasse e pediram ao bispo de Leiria que não o tirasse de lá. Quando o Padre lhes perguntou o porquê, eles responderam: “porque o senhor no tempo da guerra civil esteve sempre connosco, não nos deixou sós. Isso é para nós o sinal de que Deus não abandonou o seu povo”! Eu próprio fiquei estupefacto com a fé deste povo. É um povo pobre de bens materiais, mas rico de humanidade e de fé!

O jipe é um bem de primeira necessidade para a missão em ordem à promoção daquela gente. A caminhada solidária é uma causa nobre e bela!

Muito obrigado a todos e boa caminhada!

Santa Eufémia, 25 de setembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Sessão solene evocativa Centenário do nascimento de D. Alberto Cosme do Amaral

Ref.: CE2016B-011

A diocese de Leiria-Fátima juntamente com o Santuário de Fátima e a Prelatura pessoal da Opus Dei comemora hoje, com esta sessão solene e a celebração da eucaristia, o centenário do nascimento de D. Alberto Cosme do Amaral, que foi bispo desta diocese de 1972 a 1993. Embora a data de nascimento ocorra mais precisamente a 12 do mês de outubro, este dia 7 é também uma data significativa do seu outro nascimento para a plenitude da vida eterna. Trata-se de uma comemoração de âmbito eclesial diocesano e por isso direi uma palavra de abertura desta sessão como bispo da diocese.

Memórias de fé

É um saudável costume recordar datas importantes ou dedicar lápides, monumentos, jornadas comemorativas a personagens ou acontecimentos mais significativos da história. Porquê olhar assim para o passado? Porque se realizam estes ritos, se pronunciam discursos, se participa em cerimónias oficiais? Para não esquecer o que aconteceu, para não deixar perecer o que de bom o passado nos transmite, para compreender o presente. Também na vida e na história do povo de Deus, da Igreja, é típico o recordar, o fazer memória, mas numa perspetiva muito própria.

Para nós, Igreja, é uma graça poder reavivar e celebrar as memórias de fé mais ou menos longas. O Papa S. João Paulo II, na Carta Às Portas do Terceiro Milénio, escreve que cada Igreja local deve possuir o culto das suas memórias, porque são como a comunhão dos santos que se prolonga no tempo.

De facto, o nosso caminho é sustentado quer pela comunhão horizontal dos irmãos que vão lado a lado, quer pela vertical que atravessa o tempo. Nós hoje estamos unidos a todas as testemunhas que nos precederam na fé e na glória. É uma comunhão importante para receber um exemplo e um estímulo, para vencer o sentido de inadequação ou de timidez do nosso testemunho face às dificuldades do nosso tempo.

A Bíblia, que no livro do Sirácide (cap. 42 a 50) eleva um hino à glória de Deus, contempla o reflexo das grandezas divinas, antes de mais, na natureza. Mas a partir do capítulo 44 contempla-o na história fazendo o elogio dos antepassados, dos pais que nos precederam na fé, morreram na fé e vivem na luz do Reino celeste. São precisamente eles que intercedem por nós na eucaristia e velam sobre os nossos passos.

No fundo, os *Atos dos Apóstolos* foram escritos para confirmar na fé os primeiros cristãos, quase a dizer: considerai de que pais nós somos filhos; segui as pegadas que eles nos deixaram.

O autor da Carta aos Hebreus, no capítulo 11, faz desfilar diante do leitor uma série de pessoas exemplares, com as obras que fizeram, como grandes campeões da fé. É uma espécie de “*laudes patrum*”. A sua finalidade é apresentá-los como um novo incentivo para que todos os cristãos sigam as suas pegadas. O seu exemplo ajuda, conforta e sustenta. O saber-se rodeado por uma “nuvem de testemunhas” que percorreram até ao fim o caminho que nós estamos também a percorrer, é sempre instrutivo e reconfortante. Esta “nuvem de testemunhas” estende-se e aumenta ao longo da história do cristianismo em histórias concretas e admiráveis de muitos homens e mulheres que viveram na dedicação a Deus e aos irmãos. Nós somos chamados a reconhecer a estas histórias de testemunhas da fé um valor testamentário, a considerá-las, de algum modo, um testamento pós-canónico escrito com a tinta do Espírito na vida das pessoas.

No capítulo 13 da referida carta encontramos ainda uma exortação mais específica: “Recordai-vos dos vossos guias (chefes) que vos anunciaram a palavra de Deus, considerai o êxito da sua conduta e imitai a sua fé. Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e por toda a eternidade” (7-8).

Testemunho pastoral de D. Alberto

É neste contexto e a esta luz que, como bispo da diocese de Leiria-Fátima, me é grato cumprir o dever de gratidão para com o meu amado predecessor D. Alberto Cosme do Amaral, fazendo memória do seu testemunho no centenário do seu nascimento.

Conheci pouco o senhor D. Alberto, mas esse pouco deixou-me uma impressão simpática do homem e do bispo pastor pela sua proximidade e simplicidade. Nesta alocução inicial limito-me, pois, a oferecer alguns breves tópicos que permitem apreciar algo do seu estilo e da sua missão pastorais e que podem estimular as impressões e reflexões mais autênticas e marcantes de quem o conheceu mais de perto. São porventura aspetos que os oradores seguintes desenvolverão mais e melhor. Seleccionei sete que me pareceram os mais importantes na perspetiva da atuação do Concílio Vaticano II em que D. Alberto participou como padre conciliar nas duas últimas sessões.

1. *A ânsia evangelizadora* que se manifestou sobremaneira na visita pastoral às paróquias ao longo de cinco anos (de fevereiro de 1976 a março de 1981), dedicando uma semana a cada paróquia, em que revelou a sua proximidade de pastor, com o cheiro das ovelhas, isto é, da vida do seu povo. Daí resultou o documento programático “Linhas da Ação Pastoral na Diocese de Leiria-Fátima”.

2. *A promoção da corresponsabilidade, participação e comunhão* com a criação dos órgãos próprios quer a ní-

vel paroquial com os respetivos conselhos, quer a nível diocesano com a criação dos secretariados da pastoral juvenil, familiar, das vocações e da liturgia; a criação da comissão diocesana de Arte Sacra e a das Comunicações sociais, e a instituição da Caritas diocesana.

3. *O singular empenho na formação espiritual, teológica e pastoral do clero* com a instituição das recoleções e dos retiros no Santuário de Fátima, dos cursos anuais de formação permanente e da comissão diocesana do Clero com a missão de conduzir o projeto da construção da Casa diocesana do Clero por ele inaugurada em 1989. “Não podemos ser padres de compêndio, temos de estar atualizados”, lembrava aos padres.

4. De igual modo teve a preocupação da *formação apostólica dos fiéis leigos* com a criação da Escola de Formação Teológica de Leigos (1984) em ordem a realizarem a sua vocação de cristãos no mundo: “As atividades terrenas fazem parte da vossa vocação sobrenatural de filhos de Deus. Como Deus é amor, a nossa vida vale na medida em que dela fizermos um cântico de amor ao Pai e a todos os que Ele ama”.

5. *A sua entranhada devoção mariana* que cresceu sempre mais ao sentir o peso da sua responsabilidade como bispo de Fátima vendo nisso um “apelo e programa” e também uma característica específica de uma diocese intensamente mariana. Estava bem consciente da universalidade de Fátima – de que foi mensageiro – e da importância do Santuário na difusão da mensagem e no acolhimento dos peregrinos. Neste sentido escreveu um importante documento pastoral “Fátima nos caminhos do homem” onde afirma: “O carisma de Fátima são as graças abundantes de conversão”!

6. D. Alberto tinha *na dimensão espiritual o autêntico esteio* da sua vida de pastor. A dimensão contemplativa, orante e mística que alimentava a sua missão refletia-se na atividade pastoral, sobretudo nas suas diversas intervenções, em diversificadas circunstâncias, bem cuidadas no conteúdo e na forma literária. Usando uma expressão do Vigário Geral da diocese, podemos caracterizar globalmente o magistério de D. Alberto com dois termos: palavra e silêncio. De facto, como escreveu Maurice Blondel: “É vã toda a palavra que não é redita na nossa interioridade, sem o empenho do amor... O Evangelho, para ser entendido, supõe este contexto de silêncio que o torna interior ao espírito”.

7. Por fim, desejava ainda sublinhar *a humanidade e a humildade* do pastor. Como todos os humanos, D. Alberto reconhece também os seus limites e as suas faltas, reconhece-se pecador penitente, pedindo perdão ao Senhor e aos irmãos ao longo do seu testamento espiritual.

Em síntese final, creio que podemos dizer, sem sombra de dúvida, que a vida e a atividade pastoral de D. Alberto foram um “cântico de amor” – expressão que lhe era querida – a Deus e à Igreja. Foi um verdadeiro “homem de Deus”, contemplativo, de fé apaixonada e de espiritualidade sacerdotal profunda com marca mariana, um pastor dedicado que fez da sua vida uma dádiva incondicional ao serviço do povo de Deus, sobretudo como mestre na fé, com a sua presença atenta, discreta e próxima junto dos seus padres e dos fiéis. Durante os 21 anos como bispo da diocese, a sua atividade pastoral deixou uma marca inolvidável pela série de iniciativas com que procurou implementar algumas diretrizes pastorais do Concílio Vaticano II. Que lá do céu, na

comunhão dos santos, continue a interceder por esta “sua amadíssima diocese” e pelas suas necessidades.

Casa Nossa Senhora do Carmo,

Fátima, 7 de outubro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia no centenário do nascimento de D. Alberto Cosme do Amaral Festa de Nossa Senhora do Rosário

Ref.: CE2016B-010

Celebramos hoje a festa da Bem-Aventurada Virgem Maria, Senhora do Rosário, à qual é dedicado, de modo especial, este mês de outubro. A imagem tradicional de Nossa Senhora do Rosário representa Maria que com um braço ampara o Menino Jesus e com o outro apresenta a coroa do rosário a São Domingos. Esta iconografia é muito significativa: mostra que o rosário é um meio oferecido pela Virgem para contemplar Jesus e, meditando a sua vida, amá-lo e segui-lo sempre fielmente. Foi a recomendação que Nossa Senhora deixou aqui em Fátima há quase 100 anos. Aos três pastorinhos Lúcia, Jacinta e Francisco, apresentando-se como “Nossa Senhora do Rosário” recomendou com insistência que se recitasse o rosário todos os dias, para obter o fim da guerra e alcançar a paz.

Como é bela a iconografia que nos apresenta a Senhora do Rosário como Mãe de Ternura que nos convida a deixarmos-nos guiar por ela na meditação dos mistérios de Cristo. Estes mistérios (gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos) trazem à nossa vida o gozo da presença de Deus conosco e das suas bênçãos; a luz de Deus que brilha em nós e ilumina os nossos caminhos; a sua misericórdia e compaixão com as nossas dores; a esperança gloriosa da ressurreição que abre horizontes novos de confiança na bondade e na beleza da vida a caminho da plenitude. Com o rosário, dia após dia, somos ajudados a assimilar o evangelho de modo a enformar toda a nossa vida.

Como é bela a Senhora do Rosário que em Fátima se apresenta como Mãe de Misericórdia e Rainha da paz que acompanha os sofrimentos dos filhos e lhes oferece o seu Imaculado Coração como refúgio e garantia do triunfo do amor nos dramas da história, pedindo-lhes a colaboração com a recitação do terço, para os envolver na construção da paz.

Também nós queremos acolher a riqueza materna da Virgem, comprometendo-nos a recitar com fé o terço pela paz nas famílias, nas nações e no mundo inteiro.

Também nós, unidos a Ela como no cenáculo, invocamos uma especial efusão do Espírito Santo que ilumine o caminho da Igreja e do mundo neste tempo conturbado e que nos ajude a levar o amor misericordioso de Deus ao mundo sedento de paz.

O senhor bispo D. Alberto colocou a sua vida e o seu episcopado sob o olhar de Maria e era grande devoto do rosário. Tinha uma confiança de entrega filial a Nossa Senhora, que expressa numa oração muito bela e comovente do seu testamento:

“Mãe, peço-te humildemente perdão de não ter correspondido... Ajuda-me a ser todo teu, a ser todo para ti, no

ser e no agir. Nada quero pensar sem ti, nada quero fazer sem ti, nada e a ninguém quero amar sem ti. Todo para ti, a fim de ser todo para Jesus e por Jesus ser todo para o Pai no Espírito Santo... Agradeço à Trindade Beatíssima as maravilhas que em ti realizou a favor de mim e a favor de todos os homens. Que seria da humanidade sem ti! Que seria de mim sem ti! Embora, por minha incapacidade, eu não chame por ti, não me largues um só instante. Ainda que eu me esqueça de ti, não te esqueças tu de mim. Filho mais débil, mais necessidade tem da tua presença, do teu carinho, do teu sorriso de Mãe”. Amen!

Basilica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, 7 de outubro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Saudação Igreja Evangélica Baptista de Leiria na celebração do seu centenário

Aos irmãos e irmãs da Igreja Baptista de Leiria, graça e paz no Senhor Jesus.

Dou graças a Deus por vós, pelo testemunho inquebrantável da vossa fé e pela perseverança da vossa comunidade evangélica ao longo de um século.

Era meu desejo poder corresponder ao vosso grato convite para estar presente na cerimónia de abertura do vosso centenário. Compromissos já assumidos não me permitem a participação em pessoa, mas faço-o com o envio do Vigário Geral da Diocese, padre Jorge Guarda, que vos comunicará esta minha saudação.

Felicito-vos pela ocorrência do centenário da vossa existência. Através da vossa comunidade evangélica, muitas gerações de fiéis têm sido instruídas e iluminadas pela palavra de Deus e recebido inúmeras graças de Jesus Cristo. Bendito seja o Senhor que ama e cuida dos que nele acreditam!

Bem sei que o vosso percurso ao longo do tempo não foi isento de sofrimentos e discriminações, por vezes provocados por parte de fiéis católicos. Em nome da Igreja católica na diocese de Leiria-Fátima, peço-vos perdão pelo mal que os católicos vos fizeram, pelas incompreensões e hostilidade em relação aos membros da vossa comunidade.

Nos tempos mais recentes, porém, houve já alguma aproximação entre alguns de vós e fiéis católicos, nomeadamente para a oração e o apoio ao vosso centro social. É pouco, mas é um sinal do caminho a seguir. A fé em Jesus Cristo e as Sagradas Escrituras que temos em comum são muito mais importantes do que as diferenças na sua compreensão e vivência, que ainda nos separam. Queremos conhecer-vos melhor para mais vos apreciar e respeitar.

Numa recente entrevista, a propósito da sua viagem à Suécia, amanhã 31 de outubro, para a comemoração dos 500 anos da reforma de Lutero, o Papa Francisco respondeu à pergunta sobre as suas expectativas, dizendo: *“A minha esperança e a minha expectativa são as de me aproximar mais dos meus irmãos e das minhas irmãs. A proximidade faz bem a todos. A distância pelo contrário faz-nos adoecer”*.

Neste sentido, irmãos e irmãs, convido-vos a uma maior aproximação entre as comunidades baptista e católica, através de encontros, oração e oportuna colaboração nas obras de misericórdia em favor dos doentes, dos pobres e dos presos, para testemunharmos juntos o Evangelho. Olhemo-nos e tratemo-nos como filhos do único Pai celeste que, em Jesus e por Ele, nos torna irmãos.

Deus vos abençoe e faça crescer e prosperar como comunidade cristã, para Sua glória e do Senhor Jesus Cristo no Espírito Santo. Amén.

Com fraterna estima no Senhor Jesus,
† António Augusto dos Santos Marto,
Bispo católico da Diocese de Leiria-Fátima.
Leiria, 30 de outubro de 2016.

Homilia de encerramento do Ano da Misericórdia e Ordenação Diaconal A Misericórdia, Profecia de um Mundo Novo

Ref.: CE2016B-012

Celebramos hoje a solenidade de Jesus Cristo, rei do universo, enriquecida com o encerramento do Ano Jubilar da Misericórdia e com uma ordenação diaconal, que acolhemos como graça da misericórdia divina. São motivos de particular alegria para a nossa Igreja diocesana. A todos vós dirijo a minha cordial saudação, de modo particular ao senhor D. Serafim, ao caro António, candidato ao diaconado, à sua mãe e demais familiares, aos superiores dos seminários de Leiria e Lisboa, aos párocos e às paróquias de origem e de estágio pastoral.

Eis como o Papa Francisco nos convida a viver o encerramento do Jubileu da Misericórdia: “Ao fechar a Porta Santa, animar-nos-ão sentimentos de gratidão e de ação de graças à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça. Confiaremos a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à realeza de Cristo, para que derrame a sua misericórdia como o orvalho da manhã, para construirmos uma história fecunda com o compromisso de todos no futuro próximo. Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de cada pessoa levando-lhe a bondade e a ternura de Deus” (MV 5).

Vivemos um Ano Jubilar rico de momentos muito significativos para a vida da Igreja. Que ficará deste ano? Não é o momento de fazer agora um balanço. Mas, sem dúvida, ele imprimiu uma sensibilidade espiritual e um estilo pastoral que devem ser impulso e pauta da atuação dos cristãos e da Igreja. Podemos dizer que se abre agora um tempo novo e desafiante: a receção da misericórdia para a vida e missão da Igreja, para uma nova etapa evangelizadora no mundo de hoje. O Ano Santo termina, mas o seu impulso não pode parar. Desejaria apenas sublinhar três aspetos mais marcantes, à luz da Palavra de Deus que escutámos.

O rosto de um Pai misericordioso

Em primeiro lugar, a mensagem de misericórdia mostra o rosto de um Pai misericordioso e responde assim à questão mais profunda de hoje, a questão de Deus. Quantos se

afastaram perante a imagem de um Deus distante, apático e justiceiro? Como é diferente a imagem de Deus que vem ao encontro do homem frágil e das suas feridas! Deus quer ser conhecido como Pai de misericórdia, cujo amor entranhado quer chegar a todos e a tudo, mesmo onde tudo parece perdido.

“Se queremos saber quem é Deus, devemos ajoelhar-nos aos pés da cruz”, escreveu um célebre teólogo. Sim, em Cristo crucificado dá-se a revelação máxima da misericórdia de Deus; e dela nos dá testemunha vivo o “bom ladrão”.

Presenciando toda a cena da cruz, ele intuiu em Jesus algo de novo e insuspeitável que tocou profundamente o seu coração e o transformou. Certamente ouviu a primeira palavra de Cristo na cruz: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”. Talvez fosse o suficiente para despertar nele o arrependimento e a confiança na sua infinita bondade. Então o impensável acontece. Os olhos do ladrão contemplam no crucificado o amor de Deus por ele, pobre pecador: Deus amou-me a ponto de morrer na cruz por mim. Por isso confia-se inteiramente à sua misericórdia: “Jesus, recorda-te de mim quando vieres com a tua realeza”. Eis a realeza de Jesus: a realeza da misericórdia, confirmada pela resposta surpreendente: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”!

O bom ladrão é o milagre que a misericórdia de Deus realiza nas pessoas: de um pecador é capaz de fazer um santo. A ternura e a misericórdia de Deus são a única força capaz de atrair, conquistar e transformar o coração de cada pessoa com as suas fragilidades.

Oh como a misericórdia do Pai é imensamente maior que o nosso coração e mais poderosa que a nossa fraqueza e o nosso pecado! Deus não se cansa de nos perdoar. Está sempre à nossa espera e espera sempre na possibilidade de bem que a sua bondade semeia no coração de cada um. Quantas pessoas durante este ano (re)começaram a descobrir-se abraçadas pela misericórdia do Pai e a ama-Lo de novo!...

A misericórdia no centro da vida da Igreja

Em segundo lugar, a misericórdia há de ser a atitude constante da Igreja: deve enformar toda a vida e ação da Igreja e das comunidades cristãs, para serem sinal e instrumento da misericórdia de Deus: “misericordiosos como o Pai”. Desde logo, compreendemos que “a Igreja não está no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com aquele amor entranhado que é a misericórdia de Deus” (Papa Francisco). A Igreja e cada comunidade devem ser casa materna da ternura e da misericórdia onde cada um seja acolhido, escutado, compreendido, amado, acompanhado, perdoado, ajudado e encorajado a viver a vida boa do evangelho; uma Igreja “hospital de campanha” cuja prioridade é acolher e cuidar dos feridos e ajudar a curar as feridas.

Nesta linha, o Papa Francisco indicou um método pastoral à Igreja para os próximos tempos: “acolher, acompanhar, discernir e integrar” os seus filhos mais frágeis marcados pelo amor ferido ou extraviado, ou mesmo perdidos no meio das tempestades da vida.

A misericórdia, profecia de um mundo novo

Por fim, a misericórdia pede uma Igreja que olhe para o mundo com olhos novos e se aproxime dele com atitudes

novas; uma Igreja em saída que seja sinal da proximidade e da ternura de Deus nas periferias humanas.

Quantos rostos nos estão interpelando, pedindo-nos que sejamos misericordiosos como o Pai, tal como foi Jesus aproximando-se, compadecendo-se, curando e libertando da escravidão tantas pessoas nas periferias da marginalização, da solidão e do abandono?

Como podemos ser testemunhas de misericórdia? pergunta o Papa Francisco. “O Senhor indica-nos um caminho muito simples, feito de pequenos gestos que a seus olhos têm um grande valor”, as obras de misericórdia corporais e espirituais. São obras que promovem a qualidade de vida e uma nova cultura: “Estou convencido-diz o Papa- que através destes simples gestos quotidianos podemos realizar uma verdadeira revolução cultural, como aconteceu no passado. Se cada um de nós em cada dia praticar uma destas obras, isto será uma revolução no mundo”, a revolução silenciosa da ternura!

Como vemos, a misericórdia não se reduz a um slogan de efeito ou a um bom sentimento: dá o melhor e não o que sobra; é capaz de ir ao encontro dos outros e não fica na indiferença fria e cínica; é capaz de ternura, de proximidade, de compaixão, de acolhimento, de partilha, de solidariedade face à cultura do descarte e da exclusão.

Cada um interrogue-se e responda no seu íntimo: que marca deixou em mim o Ano da Misericórdia? Como penso dar-lhe continuidade na minha vida e na Igreja?

Caro António Cardoso, lembra-te que também a tua ordenação é obra da misericórdia divina. Que esta misericórdia seja o pilar, a luz e a guia do teu ministério diaconal.

Virgem de Fátima, Mãe de Ternura e de Misericórdia, ajuda cada um a abrir o seu coração para ser misericordioso como o Pai e tornar mais bela a vida de cada um, de cada família, de cada comunidade cristã, de toda a Igreja e do mundo inteiro!

Catedral de Leiria, 20 de novembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia de início do Ano Jubilar do Centenário das Aparições de Fátima e do Ano Litúrgico

Hora de júbilo na abertura do Ano Jubilar

Ref.: CE2016B-013

“Vamos com alegria para a casa do Senhor” - o refrão do salmo exprime bem a atitude com que hoje convergimos em peregrinação a esta basílica para celebrar o início do ano litúrgico e o início do Ano Jubilar centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima. Um abre-nos a porta santa do Advento; o outro, o pórtico do Jubileu, a lembrar a porta santa dos peregrinos. Dois acontecimentos que se iluminam e enriquecem mutuamente e são para nós motivo de particular alegria e júbilo. Deixemo-nos guiar pela Palavra de Deus proclamada para compreendermos a atualidade do Advento e da Mensagem da Senhora nos tempos modernos.

É Hora de despertar!

O tempo do Advento é bem mais que a simples espera e preparação do dia do Natal. Por sua vez, o Natal cristão não se reduz à recordação romântica de um acontecimento longínquo do passado como é o nascimento do menino Jesus. O Advento introduz-nos no coração do mistério cristão: a vinda de Deus à nossa vida, o mistério grande e fascinante de Deus conosco! É tempo de alegria porque Deus vem ao nosso encontro.

Um célebre teólogo escreveu: “A doença do nosso século é o esquecimento do Advento de Deus” (J. B. Metz), isto é, a perda do sentido, da beleza e da esperança que contém o mistério da Encarnação, o qual nos revela: “Deus é Aquele que vem” e entra na nossa história, assumindo a nossa carne, para fazer conosco uma história de salvação e não de perdição.

Por isso, a palavra chave, *a palavra de ordem do primeiro domingo do Advento é: vigiai, despertai do sono, para não deixar afogar a vida na banalidade dos dias* como nos tempos de Noé. Também hoje podemos viver adormecidos, distraídos, anestesiados pelo “ramram” do dia a dia: comemos, bebemos, trabalhamos, jogamos, casamos, fazemos a nossa vida de família, mas a nossa atenção reduz-se a este horizonte estreito. Ficam de fora, na penumbra ou excluídas, outras realidades tão preciosas e belas: a fé em Deus, o amor de Deus em nós, a vida espiritual, os valores morais. É hora de despertar!

Foi esta advertência que Nossa Senhora fez ecoar aqui em Fátima, com uma urgência impressionante, para a humanidade que esquecera Deus, que vivia de costas voltadas para Ele e caminhava para a catástrofe da guerra e da destruição. “Com a família humana pronta a sacrificar os seus laços mais sagrados no altar de mesquinhos egoísmos de nação, raça, ideologia, grupo, indivíduo, veio do céu a nossa bendita Mãe oferecendo-se para transplantar no coração de quantos se lhe entregam o Amor de Deus que arde no seu” (Bento XVI). Ela oferece-nos o seu coração e o seu olhar para contemplarmos e saborearmos a ternura e a misericórdia de Deus que põe limite à força destruidora do mal.

Também hoje nos chama a uma vigilância interior, a despertar da indiferença, a voltarmo-nos para Deus, a abrir o nosso coração ao seu amor e a descobrir os sinais da sua vinda ao nosso mundo. Com Deus ou sem Ele a nossa vida e a vida do mundo serão diferentes!

Caminhar para o reino da Justiça e da Paz: o horizonte da esperança

Outra palavra de ordem do Advento é “caminhemos à luz do Senhor” que se aplica também ao Ano Jubilar. O profeta Isaías oferece-nos um olhar de esperança sobre o sentido da história. Convida-nos a redescobrir a beleza de estarmos todos a caminho: o Povo de Deus com a sua vocação e missão, a humanidade inteira, os povos, as culturas, todos a caminho através do tempo. É a imagem de uma peregrinação universal para uma meta comum, como uma subida ao monte do Senhor, ao templo de Deus, onde surge a revelação do seu rosto e onde se escuta a sua lei, a sua Palavra como farol que irradia luz de orientação para toda a humanidade.

À sua luz todos os povos podem caminhar para o Reino da justiça e da paz. Escutai bem o que diz o profeta: “Converterão as espadas em relhas de arado e as lanças em

foices. Não levantará a espada nação contra nação, nem aprenderão mais a arte da guerra”.

Este caminho nunca está concluído. Há sempre necessidade de recomeçar, de se erguer de novo, de reencontrar e reavivar o sentido da meta, de renovar sempre o horizonte comum para o qual caminhamos, de transformar os instrumentos de guerra e de morte em instrumentos de progresso, de paz e de vida. É o horizonte da esperança que nos chama a fazer um bom caminho.

O Advento restitui-nos este horizonte da esperança que não desilude porque Deus é fiel. Nossa Senhora veio a Fátima trazer e confirmar esta esperança firme de paz. É impressionante o seu apelo à oração e ao empenho pela paz e pela defesa da dignidade dos oprimidos e dos inocentes, vítimas de guerras e genocídios sem precedentes na história. Poderíamos resumir a mensagem no apelo feito na terceira aparição: “Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz”.

Apelo a mudar de atitude de vida: a conversão

Por fim, a terceira indicação do advento é um apelo a mudar de atitude de vida e a revestir-se das armas da luz, apelo a um rearmamento espiritual e moral das consciências para viver a paz de Deus, a paz do coração, a paz com os outros: “Andemos dignamente, como em pleno dia, evitando comezainas e excessos de bebida, as devassidões e libertinagens, as discórdias e os ciúmes..., mas revesti-vos de Jesus Cristo”.

A este propósito, Santo Agostinho confia-nos como um dia, na sua inquietação interior, ouviu uma voz que lhe disse “toma e lê”. Abriu a bíblia e leu precisamente esta página. E a seguir confessa: “Não quis ler mais, nem fazia falta. De facto, mal terminei a leitura desta frase, uma luz penetrou no meu coração e todas as trevas da dúvida se dissiparam”.

Começou assim o seu despertar, a sua passagem das trevas à luz, a sua conversão como início de uma vida nova em Cristo. Foi este apelo à conversão que Nossa Senhora fez em Fátima quando pedia penitência. O milagre mais importante de Fátima não é propriamente a “dança do sol” na última aparição, mas antes a conversão do coração e da vida de tanta gente, que aqui acontece sem dar nas vistas, e daqui alastra para o mundo inteiro. A este milagre podemos chamar também a “dança da conversão” ao ritmo da música de Deus que ressoa no Magnificat da Virgem e enche de alegria o coração e a vida inteira de quem encontra Jesus Cristo através de Maria.

Vivamos, pois, o Ano Jubilar com a alegria e a esperança do Advento, como “tempo favorável” de ação de graças pelo dom da visita e da mensagem da Senhora e pelas graças recebidas; de experiência da ternura e da misericórdia de Deus; de devoção terna ao Imaculado Coração de Maria; de conversão e de compromisso com Deus e a favor dos outros e da paz no mundo, a exemplo dos Pastorzinhos.

Façamos do Magnificat o cântico do Povo de Deus peregrino e de todos os homens e mulheres que esperam em Deus e no poder da sua misericórdia. A passagem pelo Pórtico do Jubileu seja o sinal exterior de que entramos em peregrinação interior e queremos deixar-nos guiar pela Virgem Santa que é mãe e sabe como conduzir-nos até Deus. Deixemo-nos, pois, guiar por Ela neste tempo de perturbação e de esperança!

Nossa Senhora do Advento, Senhora da nossa esperança, acompanha-nos e guia-nos no caminho do Ano Jubilar para que acolhamos, com o coração aberto de par em par, os dons que nos vieste trazer e correspondamos aos apelos que aqui nos deixaste. *Ámen!*

Basilíca da Santíssima Trindade, Fátima, 27 de novembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia da Solenidade da Imaculada Conceição Festa de Deus, de Maria e de todos nós

Ref.: CE2016B-015

É sempre uma alegria especial reunirmo-nos aqui neste santuário, em tão elevado número, neste dia da festa da Imaculada. Saúdo todos os peregrinos com grande afeto e desejaria partilhar convosco três pensamentos simples acerca da Imaculada Conceição da Virgem como festa de Deus, festa de Maria e festa de todos nós.

1. Festa de Deus

Antes de mais, a Imaculada Conceição de Nossa Senhora convida-nos a levantar o nosso olhar para Deus e a contemplar nela a realização do desígnio amoroso de Deus descrito no texto da carta de S. Paulo: “Bendito seja Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Ele nos escolheu em Cristo, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados na caridade, para sermos seus filhos adotivos, para louvor e glória da sua graça que deram sobre nós”.

Esta riqueza de dons de Deus é para todos os discípulos de Cristo; mas realizou-se de modo singular em Maria, desde logo na sua Imaculada conceição.

De facto, no evangelho ela é saudada deste modo: “Alegra-te, ó cheia de graça. O Senhor está contigo”. Esta expressão “cheia de graça”, que nos é já tão familiar, oferece-nos a explicação do mistério que celebramos: é o nome mais belo, o nome escolhido e dado pelo próprio Deus a Maria. Indica que ela é desde sempre a escolhida e, por isso, a cheia da graça do amor e da santidade de Deus em todo o seu ser para poder acolher o dom mais precioso, Jesus, o Filho do Altíssimo, o Amor de Deus incarnado.

Deus preparou-a como a toda santa, a toda bela e pura, a imaculada desde o primeiro momento da sua conceição, preservando-a de todo o contágio do pecado, para ser morada digna do Salvador do Mundo no meio dos homens.

Contemplando assim a Imaculada Conceição, nós contemplamos simultaneamente, como num espelho, a grandeza do amor de Deus que vem ao nosso encontro pessoalmente, que ama cada um com nome próprio, não em massa anónimos e indistintos, e que quer comunica-nos o seu amor, a sua ternura e misericórdia que é mais forte que todo o pecado. Podemos confiar neste amor como Maria a quem é dito: “Não temas. O Senhor está contigo”! Confiamos verdadeiramente na graça de Deus?

2. Festa de Maria

Compreendemos que a festa da Imaculada Conceição é antes de mais festa de Deus. Mas também é e não podia deixar de ser festa de Maria. Sim, *desde o primeiro instante, a sua vida terrena foi um hino de louvor à glória de Deus e à sua misericórdia para com a humanidade*. Ela acolheu a graça singular de Deus, guardou-a, fê-la crescer confiando-se sempre à Palavra do Senhor e tornando-se depois discípula perfeita de Jesus: “Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”! É a festa do sim pleno de Maria à proposta de Deus com toda a disponibilidade, abandono e colaboração, com o dom de si mesma. Assim permitiu à Graça por excelência de Deus, o Filho incarnado, entrar na história do mundo e criar aquela humanidade renovada de que Maria é exemplar esplêndido. Por isso a invocamos como Mãe da Divina Graça!

3. Festa de todos nós

Por fim, a festa de Maria é também a nossa festa. A Mãe Imaculada assegura-nos que cada um de nós, cada cristão pode ser cheio da sua graça porque lhe foi concedida pelo Pai santo em nosso favor. Também nós somos chamados a ser santos e imaculados como ela, acolhendo plenamente Deus e a sua graça misericordiosa na nossa vida, na escuta e meditação da Palavra, na caridade e no serviço aos irmãos.

A festa da Imaculada torna-se festa de todos nós com os nossos “sins” quotidianos a Deus, vencendo o nosso egoísmo e a nossa indiferença, tornando mais alegre a vida dos nossos irmãos levando-lhes esperança e consolação, exaustando alguma lágrima.

O apelo a uma vida santa e pura é hoje deveras urgente para a nossa vida em sociedade como o Papa Francisco nos advertiu recentemente. Amanhã, dia 9, é a Jornada Mundial contra a corrupção que alastra cada vez mais e despidoradamente, sem vergonha, como um cancro que mina a sociedade. A luta contra esta chaga social começa na consciência pessoal pura, não corrompida, dentro da família e na vigilância nos vários âmbitos da vida civil. No dia 10 é a Jornada Mundial pelos direitos humanos que devem ser promovidos de modo que ninguém seja excluído do seu efetivo reconhecimento. Por aqui passa a vida santa e imaculada dos cristãos e o seu testemunho no mundo!

Mãe imaculada, acompanha-nos e guia-nos no caminho de uma vida santa e pura, de justiça e paz. Mãe da Divina Graça, rogai por nós.

Santuário de Fátima, 8 de dezembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

O primeiro sentimento que desejo exprimir é de júbilo e regozijo pela sua vinda até nós como Pastor universal da Igreja, pela sua presença física próxima, num face a face insubstituível que nos permite sentir de perto o seu afeto, ouvir diretamente a sua mensagem, celebrar o Jubileu Centenário das Aparições numa dimensão universal de toda a Igreja que ele representa. Quando o Papa se faz peregrino, na qualidade de Pastor universal da Igreja, é toda a Igreja que peregrina com ele. Por isso, esta peregrinação jubilar reveste um grande significado pastoral e espiritual e um particular relevo a nível eclesial, nacional e mundial.

Em segundo lugar quero exprimir um profundo e sentido agradecimento ao Santo Padre porque a sua visita é um dom que ele nos concede, um gesto que revela o seu amor filial a Nossa Senhora de Fátima e o seu afeto e desejo de estar próximo de nós. É um dom não só para Fátima, mas para toda a Igreja em Portugal e para o nosso país. Também nós queremos retribuir-lhe o afeto e acolher a sua palavra.

O Papa vem, de facto, confirmar os fiéis na beleza, na bondade e na verdade da fé como sentido para viver e confiança na bondade da vida de que todos temos particular necessidade. Porém, o modo de comunicar e se relacionar do Papa Francisco envolve todos os homens e mulheres de boa vontade. A modalidade singular de exercício do ministério, a sua abertura de coração a todos, o seu desejo apaixonado de que nenhum seja excluído, a autoridade do seu testemunho de quem vive o que diz, não deixam ninguém indiferente. Por isso, a expectativa do nosso povo é grande e estou certo de que o Papa Francisco encontrará entre nós a melhor e maior abertura e acolhimento.

Por fim, gostaria de sublinhar a responsabilidade que pesa sobre nós a fim de que a visita papal não se reduza à experiência de uma emoção intensa e passageira. Desejamos que este evento seja sobretudo uma experiência significativa para a Igreja em Portugal, em correspondência aos apelos do Papa Francisco, na dimensão missionária de Igreja em saída e de misericórdia; um momento de graça que confirme e renove a nossa fé no caminho para Cristo, em oração com Maria e ofereça razões e sinais de esperança a todos os homens e mulheres da nossa terra.

Bem-vindo, Papa Francisco!

Leiria, 16 de dezembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Declaração sobre iniciativas comerciais Missas, promessas e artigos religiosos em Fátima

Ref^o: CE2016E-005

A comunicação social tem dado conta, há tempos atrás e recentemente, de iniciativas de carácter comercial e atendimento a pessoas que precisam de ajuda espiritual, em Fátima, oferecendo serviços pagos de encomendas de missas, pagamento de promessas ou difusão de objetos religiosos benzidos por sacerdotes. As notícias públicas motivaram reações e pedidos de informação sobre tais atividades.

No sentido de esclarecer as pessoas interessadas, nomeadamente os fiéis católicos e os devotos de Nossa Se-

Comunicado

Peregrinação do Papa Francisco a Fátima

Ref^o: CE2016E-004

Acabamos de receber a confirmação oficial de que o Papa Francisco vem em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, a 12 e 13 de maio de 2017, para presidir à celebração do Centenário das Aparições da Bem-Aventurada Virgem Maria na Cova da Iria.

nhora de Fátima, na sequência e em convergência com o comunicado do Santuário de Fátima sobre este mesmo assunto, venho declarar o seguinte:

1. O Bispo de Leiria-Fátima reprova a transformação da devoção religiosa e das expressões de fé em produtos comerciais e o seu aproveitamento para fins lucrativos. O louvável é que as pessoas ou grupos se tornem gratuita e compassivamente intercessoras ou portadoras das necessidades, sofrimentos e preces dos seus irmãos nos santuários e outros locais de oração.

2. Quanto aos pedidos para a celebração de missas por intenção dos fiéis, a lei da Igreja Católica determina que “se evite inteiramente qualquer aparência de negócio ou comércio” (cf cân. 947). Por isso, o Bispo de Leiria-Fátima repudia a mediação lucrativa para a celebração de missas. O pedido de intenções de missas por intenção particular dos fiéis católicos deve ser feita gratuitamente junto dos sacerdotes ou de instituições religiosas credíveis. E pode ser feito nas paróquias onde as pessoas residem.

3. Não é aceitável a venda de objetos religiosos por quantia acima do seu valor comercial alegando terem a bênção de sacerdotes. Esta é sempre gratuita e não pode ser aproveitada abusivamente para exploração económica de pessoas em situação de fragilidade.

4. Alertamos os fiéis para que, em situações problemáticas ou por devoção mal entendida, não se deixem enganar por ofertas e promessas fáceis de serviços ou benefícios religiosos. Procurem pedir esclarecimento ou conselho junto de sacerdotes ou de outras pessoas religiosamente fiáveis e bem formadas, antes de aceitar uma proposta ou solução. A misericórdia de Deus e a ternura da Virgem de Fátima são gratuitas e podemos encontrá-las em todo o lado, no Santuário de Fátima e igualmente nas igrejas e santuários próximos de nós.

Leiria, 22 de dezembro de 2016.

P. Jorge Guarda,

Vigário Geral

Homilia de Natal

A beleza da graça do Natal

Ref.: CE2016B-016

O Natal gera uma onda de festa, de movimentação, de alegria, de solidariedade. Porém, dá-nos a impressão de que tudo se passa à superfície, sobretudo se fixamos o olhar nas grandes superfícies que se tornam nos “novos templos do consumo”. É caso para nos interrogarmos: *onde está a “graça” própria do Natal cristão?*

Nesta noite ressoou em nós aquele primeiro anúncio do anjo aos pastores: *“Não temais, porque vos anuncio uma grande alegria para todo o povo: hoje, na cidade de David, nasceu para vós um Salvador, que é Cristo Senhor”*. Todos escutamos esta voz no nosso interior. Para uns ressoou mais forte, para outros menos; para outros ainda afundou em recordações longínquas. O que conta nesta noite é que todos saímos das nossas casas para celebrar o nascimento do menino anunciado como salvador. O nascimento de um menino é sempre uma boa notícia. Mas o nascimento de Jesus traz a boa e alegre notícia de que Deus vem com o seu amor ao nosso mundo na nossa carne humana.

A Beleza da Graça do Natal

O presépio é o símbolo que mais nos recorda e visualiza plasticamente o mistério da Encarnação. Contemplemo-lo nuns instantes com o encanto da mãe, Maria de Nazaré, que meditava tudo em seu coração. De facto, *no presépio sorri-nos um menino recém-nascido, sinal da infinita ternura de Deus pelo nosso mundo sofredor, pela humanidade ferida, por cada um de nós*. Não vem com ares de triunfo, mas na humildade desarmada e desarmante de um pequenino pobre e indefeso. Estende-nos as suas pequeninas mãos e espera que o tomemos nos braços e o acolhamos na nossa vida, no coração de cada um. O verdadeiro presépio que ele ama é o coração de cada um e o mundo imenso à medida da sua ternura!

Este Jesus é “o rosto da Misericórdia de Deus”, que vem ao nosso encontro para comunicar ao mundo o amor entranhado de Deus que é ternura e misericórdia. *Nele se realiza o encontro de dois corações*: o de Deus que vem ao encontro do coração do homem para o aquecer e o dilatar na sua capacidade de amor universal. Por isso, o profeta Isaías apresenta este menino com os títulos de “Conselheiro admirável, Deus forte, Pai para sempre, Príncipe da Paz”, que vem instaurar o Reino de Deus como reino de fraternidade, justiça e paz!

As Cores da Misericórdia

Ninguém é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura. Por isso, o Natal dos cristãos deve ter as cores da misericórdia, a saber:

- Um *Natal de fé viva* para acolher a visita de Deus com a sua ternura na oração familiar e na celebração da eucaristia;

- Um *Natal de fraternidade* para aquecer o coração dos que estão tristes e reacender neles a pequena chama da esperança;

- Um *Natal de diálogo* para quebrar as cadeias do individualismo e os medos que nos impedem de ir ao encontro dos outros;

- Um *Natal de partilha* para acabar com o escândalo da pobreza e converter os nossos hábitos de excesso de consumo e desperdício em modos de vida mais simples e mais sóbrios;

- Um *Natal de reconciliação e de paz* para superar os conflitos que dividem as nossas famílias e as nossas comunidades.

O Natal em gestos concretos

Celebrar o mistério do Natal de Cristo com as cores da misericórdia exige realizar atitudes ou gestos concretos de proximidade, de ternura e de solidariedade para levar esperança a quantos estão no sofrimento e na aflição. À luz das diversas dimensões do Natal acabadas de referir, cada um deverá interrogar-se como concretizar uma delas. Não bastam as palavras belas e vãs, as aparências sem conteúdo. Interroguem-nos: onde está o amor fraterno, o espírito de paz, de perdão e reconciliação, o sentido de partilha e solidariedade? Que atitude ou ato penso fazer em concreto neste Natal?

“Sobre nós permanecem poisados os olhos misericordiosos da Santa Mãe de Deus. Ela é a primeira que abre o caminho e nos acompanha no testemunho do amor” (Papa Francisco): Confiemo-nos a Ela neste Natal com as nossas

famílias e, de modo particular, todos os que estão no sofrimento e na aflição.

A todos vós e às vossas famílias Santo e Alegre Natal e Feliz Ano de 2017!

Catedral de Leiria, 25 de dezembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

Homilia de final de Ano

Este é o tempo da misericórdia: refazer um mundo que se está a desfazer

Ref^o: CE2016B-017

Despedimo-nos do ano 2016 com uma longa lista de problemas não resolvidos aos quais acrescem novas tensões, fraturas e conflitos, nomeadamente a chamada “terceira guerra mundial em episódios”. A dor do mundo parece que vai aumentando e as mortes de tantos “santos inocentes” parecem eclipsar as esperanças geradas pelos “nascimentos” de tantas iniciativas e gestos de solidariedade e de paz.

Verificamos, porém, que todo o drama humano suscita o aparecimento de pequenos ou grandes gestos de bondade, amor e solidariedade mesmo se não fazem notícia nos telejornais. Onde se gera um novo sofrimento, surge gente concreta que se solidariza com quem sofre, que partilha o que tem ou que arrisca o bem-estar ou a vida pelos outros e contra a injustiça. Pudemos ver isso no drama dos refugiados, nas situações de terrorismo, nos conflitos do Medio Oriente, no terramoto do Haiti ou aqui mais perto de nós por ocasião dos incêndios na Madeira...

É necessário refazer ou recompor um mundo que se está a desfazer, a descompor. Importa nunca desanimar. As leituras da Palavra de Deus são, ao mesmo tempo, ação de graças e invocação à misericórdia de Deus capaz de recompor o nosso mundo dilacerado, ferido, dividido. Nesta linha focarei dois aspetos mais marcantes de 2016, na Igreja universal e na Igreja em Portugal, e uma indicação sobre a paz para 2017.

O Ano Jubilar da Misericórdia

Foi um período muito importante e positivo para a Igreja e para o mundo. Em primeiro lugar, porque nos recordou ou descobriu todos os aspetos tão belos e ricos de um Deus misericordioso, que não se cansa de abrir, de par em par, a porta do seu coração de Pai, para nos repetir que nos ama, que está sempre pronto a acolher, a perdoar a libertar, a curar, a levantar, a renovar. Isto consolou muita gente e ajudou-a a aproximar-se de Deus. A mim fez-me muito bem escutar e meditar tudo isto sobre a misericórdia divina.

Em segundo lugar, *porque nos mostrou outra imagem de Igreja: acolhedora, aberta, que não exclui ninguém, que não se separa de nada mesmo com o risco de se contaminar; uma Igreja que sai para as periferias e vai até ao último, ao mais afastado. “A Igreja não está no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com aquele amor entranhado que é a misericórdia de Deus”, lembra-nos o Papa Francisco.*

Não se pode conhecer Deus sem a misericórdia, nem um cristão que não seja misericordioso através das obras de misericórdia corporais e espirituais. São obras que mudam a qualidade de vida e promovem uma nova cultura do cuidado, da atenção, do apoio, do encontro, da inclusão: uma verdadeira revolução cultural!

O Papa Francisco soube conduzir muito bem este ano santo e a Igreja nos caminhos da misericórdia. Os seus textos tão atuais – a bula “*O rosto da misericórdia*”, a carta “*A misericórdia e a fragilidade*” e a exortação apostólica “*A alegria do amor*” nas famílias – e os seus gestos de ternura e de compaixão para com os pobres, os mais frágeis, os descartados, estão mudando o mundo pouco a pouco. Isto é muito importante para um mundo tão necessitado de novas esperanças, certezas e valores.

O Jubileu Centenário das Aparições

A proximidade misericordiosa de Deus manifestou-se de modo extraordinário nas aparições de Nossa Senhora em Fátima cujo jubileu centenário estamos a celebrar. *Em Fátima, Nossa Senhora oferece-nos o seu coração e o seu olhar para contemplarmos e acolhermos a ternura e a misericórdia divina* que se oferece como força e limite face ao poder devastador do mal nas barbaridades das duas guerras mundiais e como conforto à Igreja peregrina, ferozmente perseguida e ameaçada de aniquilação.

Em recente carta pastoral intitulada “Fátima, sinal de esperança para o nosso tempo”, os bispos portugueses olham para as aparições e para a mensagem como uma bênção de misericórdia e de paz para a Igreja e para a humanidade. Esta bênção é acompanhada *por uma séria advertência à humanidade* sobre o esquecimento de Deus e o desprezo da dignidade da pessoa e da vida humana; e *pelo convite a cada um* a acolher os dons de Deus e a colaborar com os desígnios de misericórdia e paz, a exemplo dos pastorinhos, através da conversão dos corações, da oração e adoração e da reparação do mal que corrompe e destrói o mundo. O povo fiel de Deus compreende que Fátima é mensagem e lugar de bênção, de conforto, de renovação espiritual e de esperança quando ocorre em peregrinação. Deu um grande testemunho disso quando acolheu, em júbilo e com emoção, a visita da Imagem peregrina como símbolo da mãe que visita os filhos nas suas casas.

É verdadeiramente espantoso como Fátima irradiou e continua a irradiar, ao perto e ao longe, para todo o mundo e a tornar-se centro de atração, verdadeiro altar do mundo!

Estamos nós verdadeiramente conscientes do dom das aparições da Virgem Mãe em Fátima? Estamos dispostos e disponíveis a responder e a corresponder aos seus apelos?

Vamos, pois, viver o Jubileu do Centenário em ação de graças e como uma experiência forte de graça e de paz com a presença e o impulso do nosso querido Papa Francisco!

A cultura da não-violência ativa e criativa para a paz

Este ano celebramos uma outra efeméride digna de registo: o 50º aniversário da jornada mundial da paz, instituída pelo beato Paulo VI. Por esta ocasião, o Papa Francisco dirige-nos uma mensagem muito pertinente. Hoje estamos a assistir à exibição da violência cega, brutal e cruel nas mais variadas expressões, ao longe ou à beira das nossas casas, como sendo o modo normal de resolver conflitos, atritos ou controvérsias. Perante este cenário, *o Papa aler-*

ta para a necessidade de uma nova cultura da não-violência ativa e criativa como estilo de vida, de convivência e de uma política para a paz. “Desde o nível local e quotidiano até ao da ordem mundial, possa a não-violência tornar-se o estilo característico das nossas decisões, das nossas relações e ações, da política em todas as suas formas”. A cultura e as políticas de não-violência devem começar a edificar-se antes de mais no coração de cada um e no interior da família donde deve ser banida toda a violência doméstica que incrivelmente ainda hoje persiste.

O Papa conclui assim a sua mensagem: “No ano de 2017 comprometamo-nos, com a oração e a ação, a tornarmos pessoas que baniram do seu coração, das suas palavras e dos seus gestos a violência e a construir comunidades não violentas que cuidem da casa comum”.

Este é o tempo da misericórdia

Em síntese final podemos dizer com o Santo Padre: “*Este é o tempo da misericórdia...*”

É o tempo da misericórdia para todos e cada um, para que ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus e à força da sua ternura.

É o tempo da misericórdia para que quantos se sentem fracos e indefesos, afastados e sozinhos possam individuar a presença de irmãos e irmãs que os sustentam nas suas necessidades.

É o tempo da misericórdia para que os pobres sintam pousado sobre si o olhar respeitoso, mas atento daqueles que, vencida a indiferença, descobrem o essencial da vida.

É o tempo da misericórdia para que cada pecador não se canse de pedir perdão e de sentir a mão do Pai, que sempre acolhe e abraça.

Sobre nós permanecem pousados os olhos misericordiosos da Santa Mãe de Deus. Ela é a primeira que abre o caminho e nos acompanha no testemunho do amor. A Mãe da Misericórdia reúne a todos sob a proteção do seu manto. Confiemos na sua ajuda materna e sigamos a indicação perene que nos dá de olhar para Jesus, rosto radiante da misericórdia de Deus”. Que Ela nos acompanhe com a sua bênção ao longo do novo ano!

Santuário de Fátima, 31 de dezembro de 2016.

† António Marto,

Bispo de Leiria-Fátima

VÁRIA

Clero e vida consagrada em 2016

A 31 de dezembro de 2016 estavam incardinados na Diocese de Leiria-Fátima, para além do Bispo diocesano: 1 bispo emérito, 92 presbíteros (87 residiam na diocese, 2 noutras dioceses do País e 3 no estrangeiro) e 1 diácono.

Na Diocese residiam ainda: 2 bispos eméritos de outra diocese, 6 presbíteros de outras dioceses e 11 religiosos que prestavam serviço pastoral com nomeação canónica do Bispo diocesano.

Nas 79 comunidades de vida religiosa presentes na Diocese, residiam 652 religiosas professas, 67 sacerdotes religiosos e 13 religiosos professos não sacerdotes.

Durante o ano de 2016 não se verificou nenhum óbito do clero diocesano.